

PARarquitectura/PARarchitecture

1º Edição . *Summer School* . Barca D`Alva

Entidades Intervinentes
Organização e Apoios:



Câmara Municipal de
Figueira de Castelo Rodrigo



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Covilhã | Portugal

TArq.urb

Arquitectura . Urbanismo . Cultura

COMISSÕES

Coordenador Científico

Prof. Doutor Miguel Santiago, UBI, DECA.

Comissão Científica

Prof. Doutor Miguel Santiago, UBI, DECA;

Professor Catedrático Victor Manuel Pissarra Cavaleiro, UBI, DECA;

Prof. Doutor Michael Heinrich Josef Mathias, UBI, DECA;

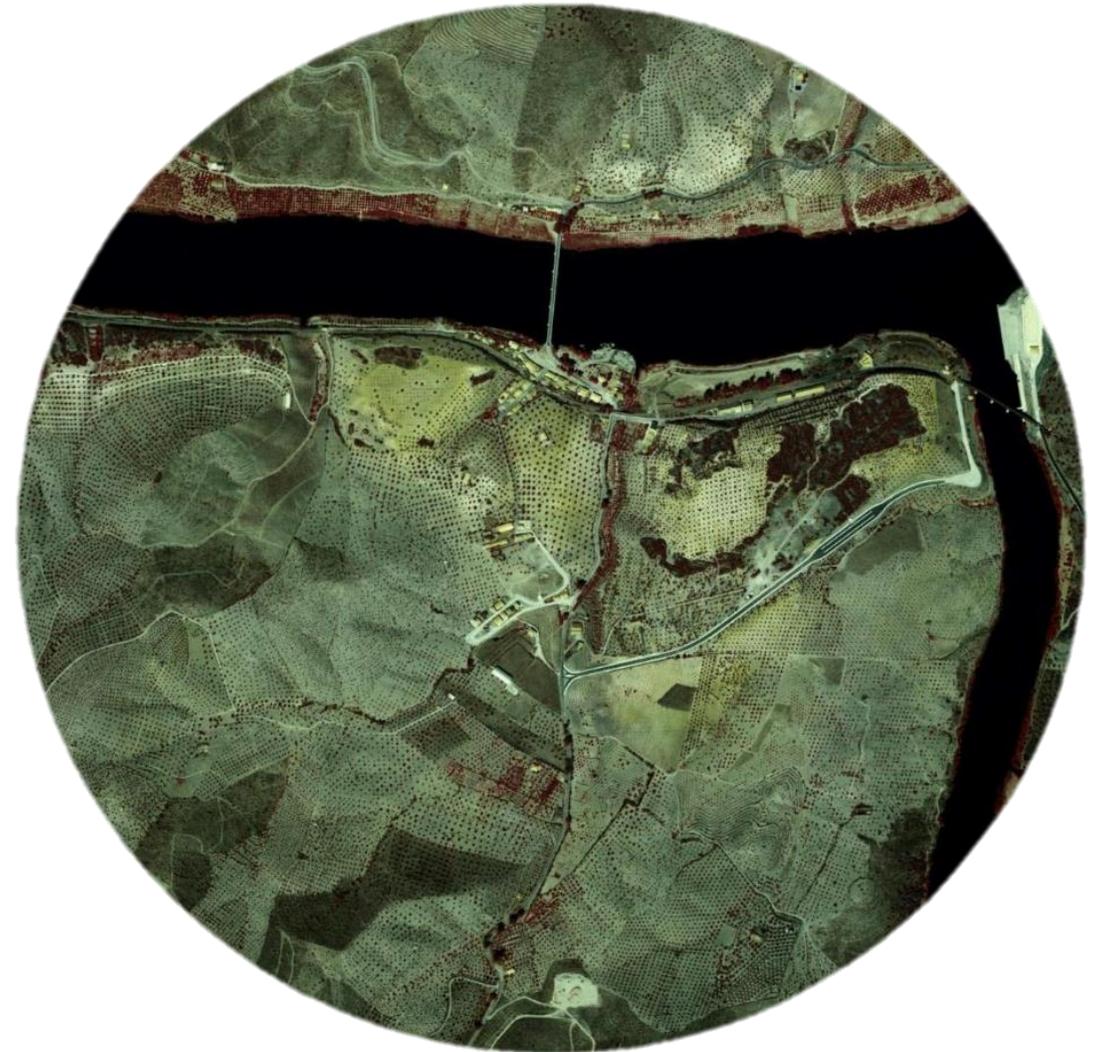
Prof. Doutor Jorge Marum, UBI, DECA;

Prof. Doutor Jorge Eduardo Ramos Jular, UBI, DECA;

Andrea Monteiro Vicente, UBI, DECA;

Telma Morgado Rebelo, UBI, DECA;

Filomena Nascimento, FAUL, CIAUD.



COMISSÕES



Comissão Executiva

Andrea Monteiro Vicente, UBI, DECA;
Telma Morgado Rebelo, UBI, DECA;
Filomena Nascimento, FAUL, CIAUD.

Conferencistas

Prof. Doutor Álvaro Domingues, FAUP;
Prof. Doutor Gonçalo Leite Velho, IPT;
Prof.^a Doutora Marluci Menezes, LNEC;
Prof.^a Doutora Inês Moreira, investigadora independente;
Prof. Doutor Miguel Pires Amado, FCT.

INDÍCE

1 **PARa School**

Objetivos 3

4 Metodologia

Conferencistas 7

8 Prof. Doutor Francisco Paiva

Prof. Doutor João Soares 10

12 Prof.^a Doutora Inês Moreira

Prof. Doutor Álvaro Domingues 25

26 Prof. Doutor Miguel Pires Amado

Prof.^a Doutora Marlucci Menezes 28

31 **Atelier A**

Atelier B 75

97 **Atelier C**



PARa School



OBJETIVOS

A *PARa* tem como objetivo a construção de um espaço cooperativo e transdisciplinar de reflexão sobre questões socio-espaciais emergentes, nomeadamente, o abandono do edificado ao nível local, o abandono do espaço público ao nível urbano e o abandono demográfico ao nível territorial, que afetam o interior de Portugal.

Visa a identificação dos elementos geradores do problema, a criação crítica de soluções e, em simultâneo, propõe uma perspetiva construtiva deste abandono, encarando o vazio por ele gerado enquanto espaço de oportunidade, liberdade e criação.

O caso de estudo desta primeira edição foi o lugar de Barca D'Alva, pertencente à Freguesia de Escalhão, no Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.

METODOLOGIA

A *PARa* funciona em regime de escola de verão cuja parte letiva equivaleu, na 1º edição, ao período de uma semana (7 a 14 de Setembro de 2014). Organizou-se em três ateliers que equivaleram a três escalas de intervenção, ou seja, a escala local, a escala urbana e a escala territorial.



ESCALA TERRITORIAL



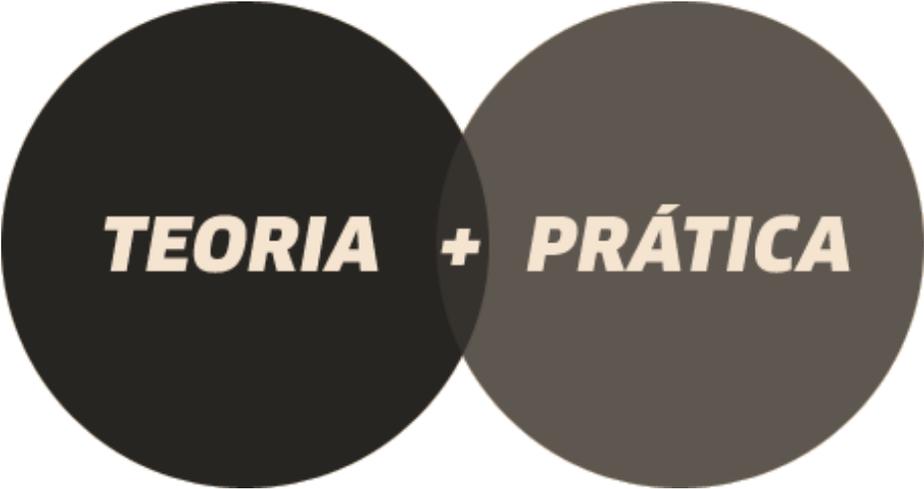
ESCALA URBANA



ESCALA LOCAL

METODOLOGIA

1. **Síntese Teórica:** Visou estabelecer um espaço contínuo de reflexão crítica sobre o tema proposto assente numa visão multidisciplinar – geografia, sociologia, antropologia, artes plásticas, ecologia, economia e história – fornecendo um campo expandido útil de pensamento e posterior ação. Métodos: Conferências, brainstorming diários, mesas redondas;
2. **Síntese Prática:** Visou criar e testar soluções práticas em função do problema proposto através de um processo experimental e criativo.



TEORIA + PRÁTICA



Conferencistas



PROF. DOUTOR FRANCISCO PAIVA

“A Matéria do Tempo: Palimpsestos”

O lustro da mão que encontramos nas coisas gastas pelo uso remete para um imaginário que se abre à especulação e facilmente associa as formas às memórias da vida. Olhar para a matéria sob o prisma temporal convoca uma plêiade de conceitos e de processos transversais aos campos da Teoria, da História e da Crítica de Arte e de Arquitetura e presta-se a cruzamentos com outros domínios humanísticos, que vão da Filosofia às ciências sociais.

Desde a Antiguidade que a apreciação dos diversos fenómenos de cristalização do tempo convoca a problemática da consciência histórica inerente ao pensamento mítico, pelo que se usam as ruínas como paradigmas passíveis de iluminar ou servir de metáfora a complexas ilações. Não obstante a ambivalência inerente a qualquer quadro de figuração, a descoberta de fragmentos ou realidades incompletas presta-se a uma complexa *poiesis* que não se desligando do pensamento propõe a ação. Ou seja, sendo reconhecimento não deixa de ser projeto.

PROF. DOUTOR FRANCISCO PAIVA
“A Matéria do Tempo: Palimpsestos”



As imagens de paisagens, de edifícios, ruínas e lugares são sempre isso: construções culturais que evidenciam o devir do tempo, se necessário reconstituindo-o; representam, mentem para dizer a verdade e melhor estabelecerem o ritmo e a medida da condição humana; revelam o poder e a fortuna; são simultaneamente documentos e monumentos; realidade e sonho, fantasias, que convocam alegorias várias, seres fabulosos, monstros, faunos, ninfas e deuses.

O uso do território pressupõe graus e intensidades de atividade muito variáveis, de que a Arte, a Arquitectura e o Urbanismo são excepcionais testemunhos. Através de um conjunto de exemplos, procuramos simultaneamente refletir sobre a vanidade de toda a criação, desde a premonitória queda de Tróia, e contraditoriamente evidenciar o carácter existencial e essencial da obra de arte, capaz de conduzir à transcendência da História, de cuja sedimentação o Património é mediador, na sua capacidade de aproximar o real do imaginário, o literal do simbólico nos diversos tempos que se encontram em cada lugar.



PROF. DOUTOR JOÃO SOARES

“Tempo próximo, lugares lentos”

O título encontrado para esta Escola: “Cultura do abandono” intriga. Penso perceber de imediato o que pretende evocar. Mas também espicaça, para pensar numa variação sobre o tema – que trabalhe a partir dele: a “cura do abandono” – que, de resto, pode considerar-se uma tradução equivalente, se tomarmos a palavra cultura no seu sentido de verbo, de indicador de uma ação: cultivar/cuidar.

A questão da Interioridade é ineludível hoje. Os lugares de Interior (onde está a linha que determina a diferença?), encontram-se em estados de abandono, que conduzem a degrado, e que resultam maioritariamente da condição de obsolescência para que foram remetidos quando dinâmicas mais ou menos espontâneas de êxodo foram sendo caucionadas por políticas de território que não consideram efetivamente estes lugares – por escaparem a uma lógica estatística, e como tal, não serem perceptíveis de um ponto de vista quantitativo. No quadro de políticas de gestão do território são remetidos para geometrias incongruentes, em mapas que não ultrapassam a condição do desígnio – olhar para o mapa do PEN revela-nos exatamente isso. Procurando então ultrapassar o inadequado filtro com que se “medem” demografias e ocupações de solo, a atenção a estes lugares requer a invenção e construção de novas formas de olhar, capazes de recolher e registar as diferenças e especificidades dos mapas do Interior.

Se, por um lado, a noção de especificidade pode conduzir à percepção de que cada caso é tão especial que se torna difícil inventar uma

PROF. DOUTOR JOÃO SOARES
“Tempo próximo, lugares lentos”



“ciência da cura”, é um facto que os Interiores que reconhecemos pelo País, são semelhantes a tantos outros que encontramos pela Europa contemporânea – e não exclusivamente no arco mediterrânico: são lugares, um tempo fortemente estruturados (talvez com aparatos mal calibrados para território e população), que tendo-se tornado obsoletos – ou tendo sido, desde o início, disfuncionais – nos chegam, no presente, como legado pesado com que lidar. É o caso, por exemplo, de estruturas ferroviárias, em todo o seu conjunto de rede; Estruturas viárias, obliteradas pela sua inadequação e incapacidade de continuar a ser prestáveis nas áreas interiores, e compatíveis com as máquinas que solicitam novas valências – de velocidade segurança e conforto. É o caso da maior parte da rede de Estradas Nacionais; de estruturas produtivas de minério; cortiça; cereal; etc. Se, por um lado há o impulso de pensar estes espaços com um carregado sentido poético (e não deixa de ser um erro de visão devido ao lugar de onde se olha – a nossa condição é a de “seres urbanos”), será necessário, articulando também essas realidade, articular as efetivas valências que as pessoas que habitam as regiões interiores necessitam. Trata-se portanto de um exercício a dois tempos, que convivem – o tempo veloz da urbanidade, e o tempo lento do rural (porventura desaparecido). E esta articulação torna-se tão mais complexa quanto se percebe que as duas categorias contidas nos binómios urbano / rural, e veloz / lento não são herméticas, como não se encontram nelas confinadas as pessoas – de resto, as pessoas ocupam simultaneamente essas categorias, sem uma aparente ordem pré-estabelecida.



PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”

“Vladimir: Let us not waste our time in idle discourse! (Pause. Vehemently.) Let us do something, while we have the chance! It is not every day that we are needed. Not indeed that we personally are needed. Others would meet the case equally well, if not better. To all mankind they were addressed, those cries for help still ringing in our ears! But at this place, at this moment of time, all mankind is us, whether we like it or not. Let us make the most of it, before it is too late! Let us represent worthily for once the foul brood to which a cruel fate consigned us! What do you say? (Estragon says nothing.) ” [1]

A espera: Os edifícios e os espaços pós-industriais dominam a paisagem e os territórios de inúmeras cidades europeias. A deslocalização da produção para países da Europa mais a Leste, e para a Ásia, a tercearização, a mudança para tecnologias menos poluentes – como nas centrais de energia -, levam à obsolescência do edifício da fábrica e à sua desadequação enquanto “carapaça” protectora de máquinas. O abandono do edificado corresponde a um pós-vida industrial: após a retirada de máquinas (exportáveis), o desmantelamento e roubo de sistemas (vendidos à sucata) ou o contrabando de peças e materiais nobres (como o cobre, ou o ferro) aceleram a desertificação da paisagem e criam novas ruínas contemporâneas.

PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”



Se a musealização da paisagem em zonas como o Ruhr, ou a reconversão de fábricas como a Tate Modern de Londres, ou os Caixaforum de Madrid e de Barcelona, apontam numa direcção em que a “arquitectura de autor” desempenha um papel fulcral, é também facto que existem extensas “zonas” – como Chernobil, Fukushima ou outros *brown-fields* - onde a contaminação e poluição industrial tornam a entrada interdita. As fábricas, as ruínas e os vestígios industriais oferecem intensas sensações espaciais, materiais e experienciais a quem as visita. Algumas são letais. O que fazer, hoje, perante a ruína do espaço (e do negócio) industrial? Entre a contemplação romântica da beleza trágica dos grandes assentamentos devastados fixada no olhar subjectivo de, cada vez mais, fotógrafos amadores [2] e as promessas de fôlego de grandes planos urbanísticos e imobiliários para regeneração de zonas industriais em terrenos nobres – como nas frentes de rio/mar portuguesas do Mar da Palha/Expo 98 e de Matosinhos Sul onde se demoliram zonas industriais para criar habitação de luxo – procuram-se agora outros modos de intervenção que considerem a materialidade e a história industrial mas que, sobretudo, sejam mais contidos do que as grandes operações do passado. Ansiando uma solução económica para a indústria enquanto sector, hoje aguarda-se pelo entendimento europeu sobre uma “política de reindustrialização” oleada por fundos estruturais, enquanto se seduz investimento estrangeiro.



PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”

Noutra direcção, mais “criativa”, investe-se no produto proto-industrial de qualidade, de pequena escala, na preservação de fábricas que ainda operam, mantendo-as activas. Ambas direcções são relativamente desligadas do edifício, enquanto arquitectura, pois centram-se na produção industrial. Mas serviriam as actuais fábricas – que podem ser entendidas como caparaças funcionais – para albergar novas produções industriais? Serão estas obsoletas e facilmente substituíveis por outras novas? Dos espaços aos fragmentos: A desindustrialização, no presente cenário de “crise”, remete a eventual recuperação de edificações industriais com interesse histórico e arquitectónico para um futuro distante e não oferece antevisões de usos a uma escala que permita a reocupação massiva da ruínas. Na clarividência de que muito do edificado que ameaça ruína se irá arruinar, ou irá mesmo ruir, interessa, particularmente, repensar novos modos de intervir e de re-activação, não apenas como evocação de um passado industrial, mas na presente condição pós-industrial. A investigação sobre fábricas, indústrias, e suas ruínas, estabelece usualmente uma distância do caso de estudo e existe uma clivagem, mesmo ausência, de diálogo entre visões económicas sobre o potencial “industrial”, as visões arquitectónicas e técnicas – como as excepcionais reconstruções arquitectónicas de fábricas promovidas nos anos 90/2000 -, e outras ocupadas com o seu passado – dos estudos sistemáticos da história ou às análises arqueológicas/forenses de locais e de acontecimentos.

PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”



A investigação sobre fábricas, indústrias, e suas ruínas, estabelece usualmente uma distância do caso de estudo e existe uma clivagem, mesmo ausência, de diálogo entre visões económicas sobre o potencial “industrial”, as visões arquitectónicas e técnicas – como as excepcionais reconstruções arquitectónicas de fábricas promovidas nos anos 90/2000 -, e outras ocupadas com o seu passado – dos estudos sistemáticos da história ou às análises arqueológicas/forenses de locais e de acontecimentos. Seja pela escala “heróica” da industrialização, a “objectividade” da sua dimensão técnica e económica, seja pela ambição de uma “distância” perseguida por disciplinas como a arqueologia, o património, ou a história contemporânea as investigações oferecem tendem a oferecer enquadramentos desde “fora”, seguindo categorias das narrativas da industrialização e não deixando, em geral, espaço subjectivo. A *condição* pós-industrial escapa, porém, ao léxico e às categorias herdadas da indústria. Na confusa condição contemporânea após a indústria existem “coisas” e “sítios” que não são “coerentes”, por tal, tendem a ser desconsideradas: os restos, as vozes, os entulhos, os contaminantes, as matérias, os pequenos elementos que foram parte de uma estrutura maior, que tiveram uma vida funcional na indústria, que viveram outras vidas. Encontramos hoje em abundância os fragmentos pós-industriais e alguns, como veremos, têm potencial narrativo e articulador de preocupações muito abrangentes.



PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”

Abordagens: Arrisco usar a primeira pessoa do singular para escrever sobre o pós-industrial, pois as experiências a que assisto, e possuo, são as de projectos de investigação, curatoriais, técnicos, com uma dimensão especulativa e criativa. Acreditando numa relação íntima entre aquilo que tenho denominado de relação entre “contentor e conteúdo”[3], centrada nos diálogo entre espaços industriais utilizados como locais expositivos e os trabalhos artísticos ali expostos, nomeadamente nas continuidades entre “presenças e ausências” que se podem intuir/perceber em espaços marcados por usos anteriores, tenho vindo a explorar abordagens à potencialidade destas relações em projectos desenvolvidos em/para espaços industriais[4]. Se os processos de ocupação antes/após a actividade industrial vão transformando os espaços, igual papel têm as ocupações temporárias, como as expositivas, pois o antes/após marca física e culturalmente os locais e, em parte, os processos de gentrificação das zonas “este” das cidades ocidentais passa pelo acolhimento de projectos culturais/ateliers/artistas que “elevam” o potencial das ex-instalações industriais para posterior especulação imobiliária. Mas agora, num contexto crescentemente mais deprimido em termos industriais, imobiliários e, também, culturais, urge descobrir novos modos de relação. A abordagem efémera para concepção de cenografias/instalações espaciais para acolhimento de novas exposições de arte contemporânea em espaços fabris, que persegui com entusiasmo[5], difere da actual abordagem proposta em projectos curatoriais de natureza investigativa[6].

PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”



Reflectindo as tais mudanças conjunturais de ambição perante o futuro das ex-indústrias, embarcamos na evidência (vivência) do “pós-industrial” onde o trabalho de campo traz a progressiva atenção ao detalhe, à lenta transformação do edifício em ruína, convidando ao registo, à recolha de materiais, e à conceptualização do fenómeno. Já não estamos perante a fábrica, coerente, mas numa condição difusa entre entidade material, performativa, espacial, etc., condição que exige outras ferramentas. Fragmentos: Os espaços e ruínas pós-industriais ecoam com narrativas e figurações que, creio, merecem ser ouvidas, abordagem que explorei no projecto de investigação “Edifícios & Vestígios” (E&V)[7], co-comissariado com Aneta Szylak. Procurámos auscultar relações de “presenças e ausências” que se encontram no espaço e as descontinuidades de escala entre “contentor e conteúdo”. Para considerar os fragmentos e ruínas pós-industriais olhámos a diversos processos de transformação: da construção, à produção, aos processos de decadência e de degradação-, como aos novos usos, formais e informais, de ocupações, roubos, reutilizações, à, em casos mais esporádicos, reconstrução formal. Conjugando passados, presentes e futuros numa única leitura encontrámos os espaços, suas histórias e narrativas, qual palimpsesto, revelando histórias que coexistem, se atropelam e que implodem numa mesma estrutura. Descobrimos que o abandono, deterioração, desmantelamento e estados avançados de ruína são estados de incompletude, e devem ser entendidos como novos estados de



PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”

espacialidade e de materialidade. E, entre projectos artísticos, de arquitectura, de fotografia, som ou mesmo de cinema, desenvolvemos também desafios a projectos investigativos de natureza mais “científica” para explorar os fragmentos disfuncionais. Desses, seguem-se três exemplos: O projecto “Máquina de Pensamento Pós-Industrial”, desafio lançado à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto através do seu Museu, mapeia a produção recente de investigação em engenharia sobre “pós-industrialidade”. Partindo da ideia de uma máquina abstracta que permita produzir pensamento pós-industrial, ideia que em si não existe como área da engenharia, esta máquina produz-se em sentido contrário às da indústria pois cresce de linhas de investigação: da engenharia de minas sobre a rebertura e estabilização de locais, aos estudos de engenharia do ambiente sobre contaminação de solos pela actividade industrial e sua duração no tempo, à gestão industrial e sua preocupação com a actualização/optimização das fábricas em operação, à engenharia mecânica na sua preocupação com as energias renováveis e reactivações de locais abandonados, aos estudos de materiais, de sucatas e seus potenciais futuros, áreas que se debruçam sobre o espaço, o ambiente, a produção, os materiais e suas reutilizações/reorganizações, entre outras. Na “Máquina de Pensamento” dois projectos focam especificamente o vestígio/fragmento industrial: o muro de teste composto por “tijolos” compostos por uma argamassa com escórias da incineração industrial de resíduos sólidos urbanos – as suas

PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”



“cinzas” – testa o comportamento ambiental de um novo material de construção proposto por Joaquim Figueiras (coord., engenharia civil) partindo do desperdício da sociedade industrial para encontrar novas utilizações. Além da questão ambiental, uma proposta para evitar o crescimento das escombrelas e reduzir o uso de matérias prima, é uma tentativa de processamento positivo, valorizando o fragmento, ou o desejo, como novo material construtivo. Um segundo projecto apresentado trata-se do estudo de solos contaminados por actividades industriais da extracção (minas) após a desactivação do complexo industrial. A linha de trabalho de António Fiuza (coord. Engenharia de Minas e Geoambiente) põe em evidência a contaminação e ameaça para a vida (umana, animal, vegetal). O pós-vida ambiental da indústria desmantelada é estudado em laboratório simbolicamente apresentado por amostras de recolhas de solos realizadas propositadamente para a exposição em diversos locais de actividade mineira que mostram como, seja à superfície ou a grande profundidade, os solos têm colorações, composições químicas e odores que, a olho nú, revelam a contínua dissipação de fragmentos e sua contínua actividade contaminante, tal como no caso de S. Pedro da Cova, cujas escombrelas de carvão estiveram em combustão interna após os incêndios florestais de verão. Noutra direcção, entrando no campo das Humanidades e da história, o projecto “Leituras estratigráficas da Fábrica do Moinho do Buraco” é um desafio à jovem arqueóloga/museóloga Mariana Jacob para desenvolver



PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”

trabalho de campo que inicia uma leitura estratigráfica ao edifício da Fábrica, um método usado na arqueologia. Lendo a história e o presente da emblemática fábrica têxtil a investigação mostra a fábrica que deu origem ao têxtil no Vale do Ave, foi desmantelada e é hoje um conjunto de armazéns, em todo o seu arco temporal. É de relevo que aqui falhou o processo de patrimonialização e musealização, servindo hoje de espaço para várias micro-empresas. As “leituras” são uma recolha de documentos, objectos, fotografias, e livros dispersos por casas de vários elementos das famílias de proprietários, que se estende por visitas e entrevistas a herdeiros e a antigos trabalhadores, que contam as suas histórias. Todos os vestígios reunidos foram preservados longe da fábrica, em casa de dezenas de pessoas, e no caso do conjunto de objectos adquiridos pela Câmara Municipal para um potencial futuro Museu Industrial, foram mantidos num armazém dos Bombeiros. Embora no presente o edifício permaneça em uso terciário, estas “leituras” são uma proposta de reinterpretação através dos escassos vestígios da fábrica em si, dispersos e aguardado poder “falar”. Regressando à recolha material de fragmentos do edifício industrial, o “Arquivo de Pós- Materiais”, que iniciei numa recolha do edifício incendiado e demolido da Lavaria das Minas da Borralha na companhia o investigador Pedro Araújo, estendeu-se numa recolha pela demolida Fábrica da Fiação de Tomar (FFT), desafio ainda em crescimento, que veio a abrir espaço para a (imponderável) colaboração com a área de Conservação e

PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”



Restauro. As visitas à Fábrica de Fiação de Tomar, um espaço destruído e saqueado fotografado por Micael Nussbaumer, convidaram ao trabalho de campo e às recolhas. Numa série de prospecções iniciais detectei a presença de pequenos logotipos nos fragmentos de materiais de construção “esmigalhados” pelas demolições, que permitem entender as “fábricas” nacionais que forneceram materiais de construção à FFT. Assim surgiu o critério de recolha colectiva, com o Instituto Politécnico de Tomar, de fragmentos de entulho que ostentam logotipos de fábricas portuguesas: as cerâmicas Aleluia e Valadares, electrocerâmicas Candal e Vista Alegre, maquinarias, entre outros. Oferecendo um panorama da rede de fábricas fornecedoras, e sem valor patrimonial, permitiu-se um tratamento experimental em laboratório, conduzido pelo grupo de Conservação e Restauro, que experimentou uma nova abordagem metodológica denominada “Conservação Criativa”: reconstruindo algumas peças, explorando gradações de intervenção numa mesma peça, usando intervenções processuais em que o trabalho de restauro fica asumido, a nova “coleção” sistematiza não só o edifício demolido e seus “fornecedores”, como permite desconstruir o trabalho de recolha e a própria intervenção activa sobre os fragmentos, criando uma narrativa da pós-materialidade. Futuro: A potencialidade das novas espacialidades e materialidades das ruínas e seus fragmentos requerem a compreensão profunda das condições presentes.



PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”

Se um fragmento isolado é casuístico, e uma metodologia isolada pode ser apenas especulação, reunir e dialogar com um conjunto largo de experiências recentes, que estão em curso, traz-nos, novas possibilidades para pensar “o que fazer” com a ruína. Se as intervenções da arquitectura apontam para a renovação (futuro), as humanidades apontam para a documentação, fixação e interpretação (passado), descobrimos nos projectos referidos partilham com as interpretações artísticas visuais, o cinema e a fotografia uma preocupação com o presente. E esta proximidade entre áreas tão díspares – como as engenharias, a arqueologia, a curadoria ou, mesmo, a conservação e restauro – permitem um encontro entre campos de conhecimento mais/menos analítico ou especulativo, levando-nos definitivamente para longe da pura contemplação da ruína. Acredito que estas abordagens oferecem lentes potentes de exponenciação, que olham além do fragmento de edifício, da máquina, do documento, do produto, ou do desperdício. Desejando que a “espera” pela reindustrialização, pela regeneração urbana e económica, ou pela reconstrução arquitectónica dos espaços industriais venha a ser produtiva – ainda que a ideia de “produtividade” seja hoje diferente das ideias modernas ou mesmo das de há duas décadas – há muito a fazer e experimentar durante este processo de ruína e abandono. O pós-industrial convida a agir, durante, e para além, da “espera” pois nestes períodos em que lentamente a oxidação podem-se também reinventar novas possibilidades. E enquanto esse futuro

PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”



não chega, podemos redefinir expectativas e descobrir outras abordagens, pois, seguramente, o futuro chegará diferente daquilo que imagináramos.

“Vladimir: (...) What are we doing here, *that* is the question. And we are blessed in this, that we happen to know the answer. Yes, in this immense confusion one thing alone is clear. We are waiting for Godot to come.[8]”



PROF.^a DOUTORA INÊS MOREIRA

“Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais”

[1] Beckett, Samuel. *Waiting for Godot*, Act II. 1952 <http://samuel-beckett.net/> (consultado 12-03-2014);

[2] Existem grupos organizados no Facebook que visitam e registam fábricas, partilhando as fotografias das suas “Invasões”, nome de um dos grupos recentemente criado que regista espaços e ruínas no grande Porto;

[3] Moreira, Inês. *Rescaldo e Ressonância!* Porto: Universidade do Porto, 2009.

Moreira, Inês and Marchand, Bruno. *Rescaldo e Ressonância!*, *Caderno de Curadoria #12* (July/August 2013), Fundação Cidade de Guimarães, Portugal, 2013. Special Box Collection [portuguese];

[4] “Há trabalhos na Fábrica”, um projecto cultural para activação das Fábricas da Levada, abre dia 18 de Abril 2014, no Complexo Industrial da Levada, em Tomar;

[5] Ver ensaio de Sandra Vieira Jurgens nesta mesma revista que aborda projectos como Urbanlab, Fiação da Maia 2001 e o Projecto Terminal, Oeiras, 2005, cujas cenografias desenvolvi em co-autoria com Gonçalo Furtado, e posteriormente com Cláudia Martinho e Paulo Mendes: Jürgens, Sandra Vieira. *Usos e recursos da arte contemporânea: instalações fabris, economia e estética do abandono na era pós-industrial*, *Revista Arqa #112*, Mar-Abril 2014;

[6] O projecto “Edifícios & Vestígios”, com exposição comissariada por Inês Moreira e Aneta Szylak para Guimarães 2012, na Fábrica ASA, foi uma oportunidade de explorar diversas abordagens, que deram origem à exposição, ao website (www.buildingsremnants.com) e ao livro: Moreira, Inês. *Edifícios & Vestígios, projeto-ensaio sobre espaços Pós-Industriais*. Guimarães: FCG e INCM. 2013 (bilingue pt-eng);

[6] Beckett, Samuel. Idem.;

[7] “Edifícios & Vestígios”, idem.;

[8] Beckett, Samuel, idem.



PROF. DOUTOR ÁLVARO DOMINGUES

“O interior e o exterior”

As marcas e as memórias do velho Portugal rural vão-se decompondo com a *desruralização* e o seu rastro de efeitos colaterais: o despovoamento, o envelhecimento, o abandono da produção agrícola e dos campos, o desaparecimento de certos estilos de vida, saberes e práticas culturais – fados do “interior”, no dizer mais frequente sobre estas coisas. Os poucos que vão ficando vivem de uma economia assistida entre pensões, reformas, poupanças, ou remessas de familiares e quem pode sai porque são escassos os empregos e as oportunidades de construir um projecto de vida. Depois do tempo longo da agricultura de subsistência e dos agricultores pobres, os portugueses foram emigrando até a um nível de esvaziamento e desequilíbrio populacional que torna o facto aparentemente irreversível. Com o investimento público depois de Abril de 1974, as cidades e vilas sedes de municípios ganharam actividades e emprego, desenvolveram-se, mas chegaram também agora a um nível de estagnação e perda que se acelera com a desconstrução do Estado Social e a apatia do investimento privado. O interior foi para o exterior. De pouco serve reclamar equilíbrios regionais que são impossíveis. Mais vale dissecar os assuntos que vivem dentro desse “interior” para se ter uma ideia mais clara daquilo de que se fala e do que se pode fazer.



PROF. DOUTOR MIGUEL PIRES AMADO

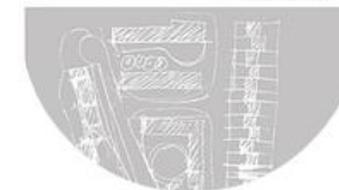
“Planeamento Urbano Sustentável”

O modelo de urbanização do território realizado não é conforme com os princípios do processo de desenvolvimento sustentável o que tem conduzido à expansão urbana descontrolada com ocupação de solos de elevada capacidade agrícola e um prolongamento inadequado da infraestruturização. A adopção de um modelo do urbanismo neoliberal que não concretiza qualquer visão colectiva, resulta numa espacialização funcional que vai promovendo um território zonado que tem como resultado uma segregação social e à uma perda quantificável da qualidade de vida da população.

A desarticulação entre satisfação das necessidades e a capacidade de carga do território é resultado da preferência dada às expectativas económicas dos promotores privados enquanto modelo de desenvolvimento. O mundo desenvolvido utiliza hoje mais de metade do consumo de energia na atividade promovida nas áreas urbanas e no sector da construção. A manutenção deste modelo conduzirá a uma redução das condições das gerações futuras. Torna-se necessário desenvolver um novo modelo de planeamento urbano que promova uma dinâmica que resulte na implementação de um efectivo desenvolvimento sustentável e apoie as atividades humanas constituindo-se como suporte para a transformação do uso do solo, interligando as componentes ambiental, económica e social, matriciais ao processo de desenvolvimento sustentável.

PROF. DOUTOR MIGUEL PIRES AMADO

“Planeamento Urbano Sustentável”



O argumento legal e regulamentar do processo de planeamento não é contudo e por si só, garante do tratamento das temáticas sociais e ambientais com a mesma profundidade adotada para a área económica. Tal resulta de as duas primeiras serem de maior relevo para a iniciativa pública e última para o interesse do setor privado. Dai o interesse de complementar o modelo de planeamento atual com um processo operativo que, de forma equilibrada, processe as três componentes da sustentabilidade, as pondere com o auxílio da população e proceda à integração de soluções de produção e utilização de energias renováveis nas áreas urbanas. O processo de planeamento urbano deve concretizar ações mais sustentáveis, acomodando um conjunto de objetivos estratégicos de sustentabilidade com influência direta nos resultados da sua implementação: -Redução do uso sustentável dos recursos não renováveis; -Redução de consumos e desperdícios; -Preservação da biodiversidade; -Promoção da economia e emprego local; -Promoção e dinamização da utilização de energias renováveis; -Envolvimento da população no processo; -Divulgação dos resultados alcançados.

Deste modo, o processo de planeamento sustentável pode garantir o tratamento equilibrado das componentes da sustentabilidade, conduzindo ao desenvolver das necessárias ações para que as áreas urbanas existentes se transformem de modo eficaz garantindo que as novas áreas urbanas serão duradoras e suporte de atividades humanas em harmonia com o meio ambiente.



PROF.^a DOUTORA MARLUCI MENEZES

“Espaço, projeto, transformação e persistência: uma antropologia dos processos socio-espaciais”

O estudo das questões sócio-espaciais do mundo contemporâneo evidencia, entre outros aspectos, o interesse em conhecer as dinâmicas de uso, apropriação e representação dos espaços vividos. Todavia, quando confrontados com uma dinâmica de “abandono” destes mesmos espaços, pergunto-me se ao invés do estudo do uso/apropriação do espaço não teríamos de começar a estudar os processos de *desuso* e *desapropriação*?

O que faz-me pensar sobre o papel que o conhecimento do espaço vivido pode ter na definição de perspectivas transformadoras que restituam ao lugar as iniciativas sócio-espaciais locais. Falar destas questões a partir de uma perspectiva que leve em consideração a relação entre espaço, projeto, transformação e persistência é o objetivo desta reflexão. Discute-se, assim, o interesse em captar o espaço vivido a partir de uma perspectiva antropológica que, ao considerar determinadas operações sócio-espaciais universais – habitar, fundar, distribuir e transformar (Segaud: 2010) –, paralelamente insinue o interesse em trabalhar a relação entre projeto, espaço, cultura e sociedade (Menezes, 2006).

PROF.^a DOUTORA MARLUCI MENEZES

“Espaço, projeto, transformação e persistência: uma antropologia dos processos socio-espaciais”



Aqui, o interesse em considerar a figura de projeto como expressão vital, cultural, fenomenológica e pragmática (Boutinet, 1990). O que, por outro lado, permite trabalhar a relação entre transformação e persistência a partir de três tempos e três escalas, o espaço herdado – relacionado com o passado, o espaço habitado – relativo ao presente, e o espaço projetado – identificado com um horizonte futuro (Biase, 2013; Menezes, 2013). Por fim, tais questões fazem-me pensar sobre a, cada vez mais, importância em analisar, conhecer, pensar e atuar tendo por referência a ideia de processo.

Pelo que, o interesse que poder ter uma antropologia dos processos sócio-espaciais.



Ateliers



Docentes

Prof. Doutor Jorge Jular
Andrea Monteiro Vicente

Discentes

Carolina Ferreira
Catarina Vicente
Daniela Ribeiro
Maria Silva
Martim da Costa
Rui Rodrigues





**ESCALA
LOCAL**

CASO DE ESTUDO . CENTRO NÁUTICO

PROBLEMA

Abandono de um edifício novo pela falta de utilização. O "centro náutico", localizado no cimo de um monte, está votado ao abandono pela falta de utilização.

PROGRAMA PRÉVIO

A autarquia pretende reabilitá-lo por forma a servir de centro de acolhimento juvenil. Uma espécie de edifício para colónia de férias.

QUESTÕES

- 1.Será esta a utilização mais adequada? Ou seja, será esta a utilização que melhor serve Barca D´Alva? As suas gentes? E quem a visita?
- 2.Como transformar/reabilitar o edifício para esta nova função? Nesta metamorfose, perderá o edifício identidade? Ou pela metamorfose encontrará outras formas de identidade? Poderá esta metamorfose resolver outros problemas identificados? Nomeadamente, a relação do edifício com o contexto, o diálogo com a paisagem, a relação com as suas gentes...
- 3.Qual o programa do novo edifício? Como adequar espaços construídos a novos usos, de forma sustentável, económica e ambientalmente?



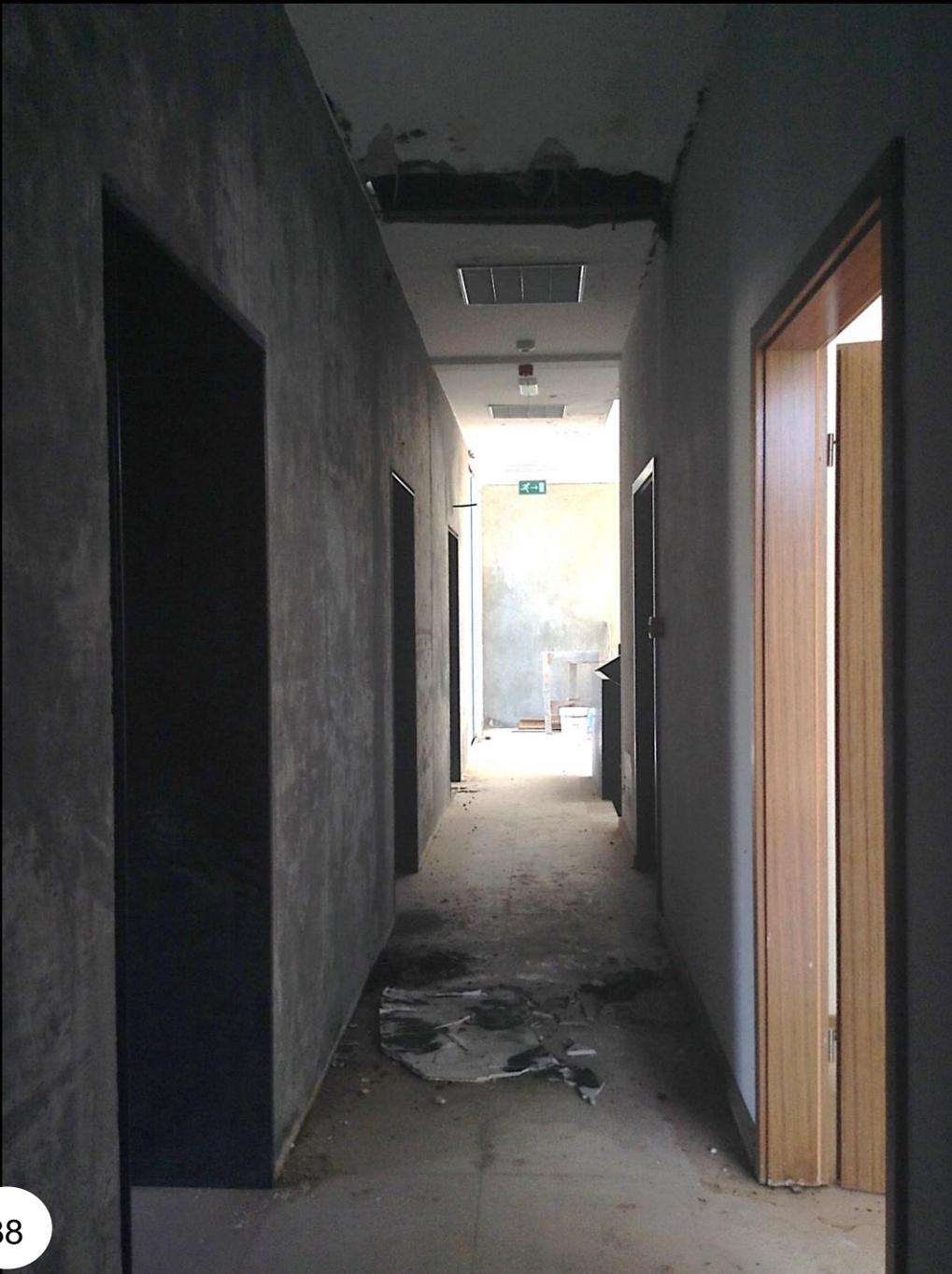
centro náutico



80% concluído

Problema Inacabado
Abandono
Incompleto

Sem utilização
Degradado



tecto a cair
degraus partidos

Expectativas



~~Centro Náutico~~



~~Colónia de Férias~~ ?

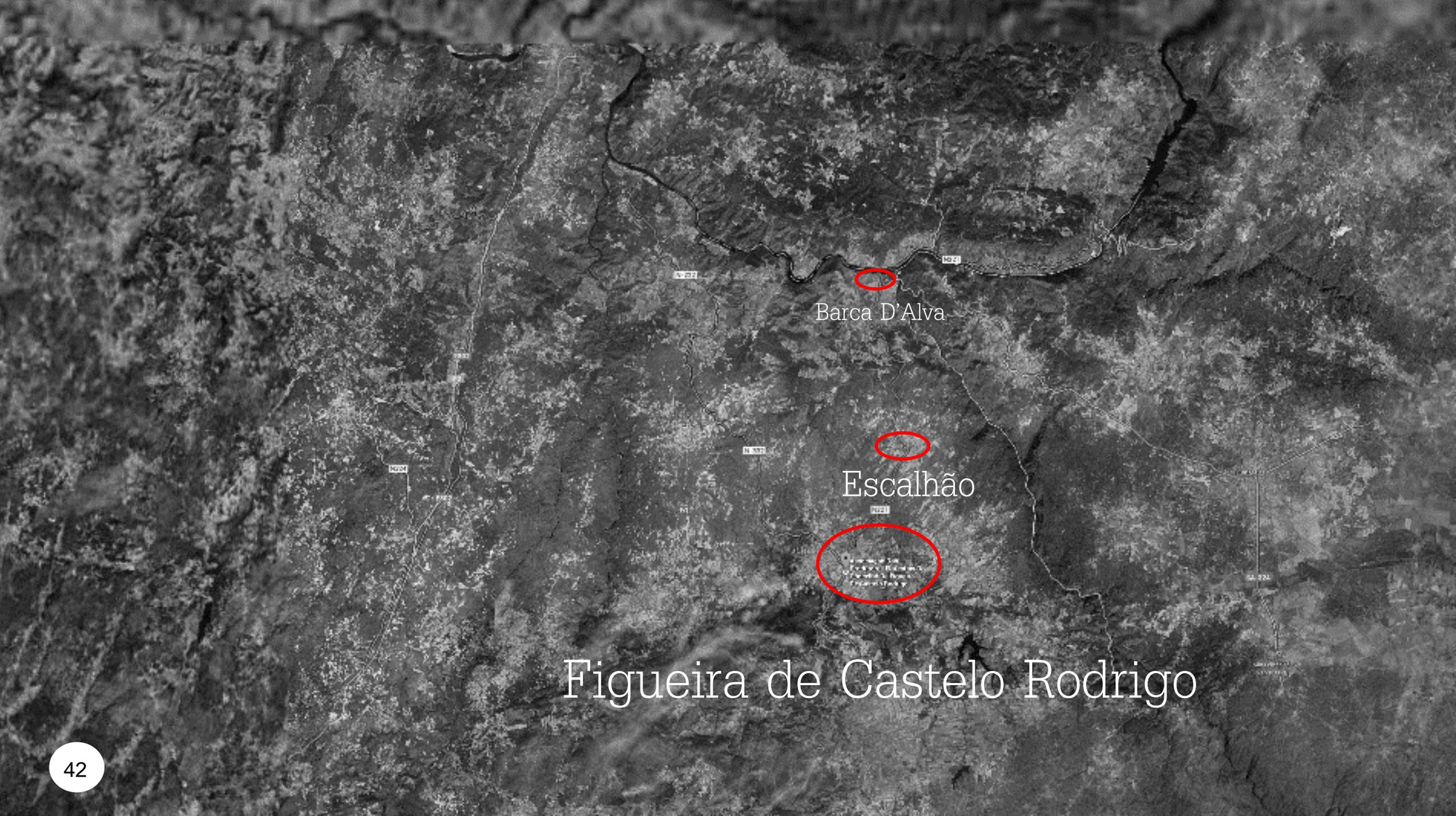
Investimento
400,000€

Reaproveitamento





motonáutica



Barca D'Alva

Escalhão

Figueira de Castelo Rodrigo





amêndoa

laranja

vinho

azeite



linha ferroviária
transporte de mercadorias
transporte de passageiros

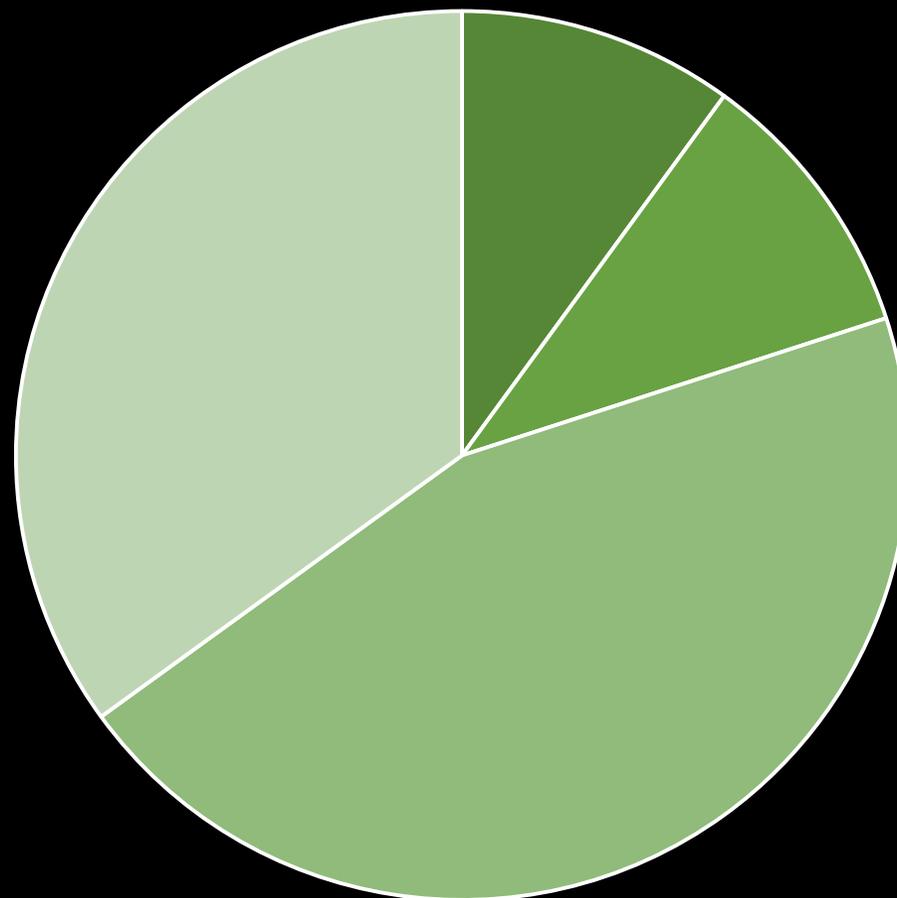


linha encerrada
declínio

120 habitantes

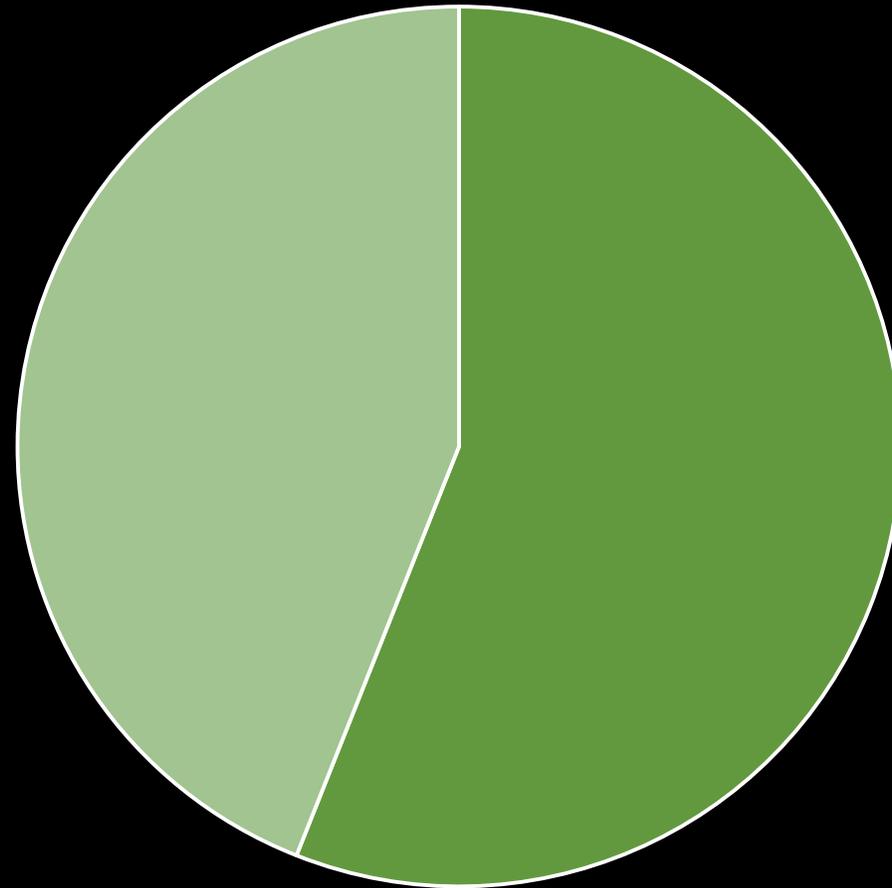
População envelhecida

Faixa Etária



■ < 15 anos ■ 15<25 anos ■ 25<45 anos ■ 45<80 anos

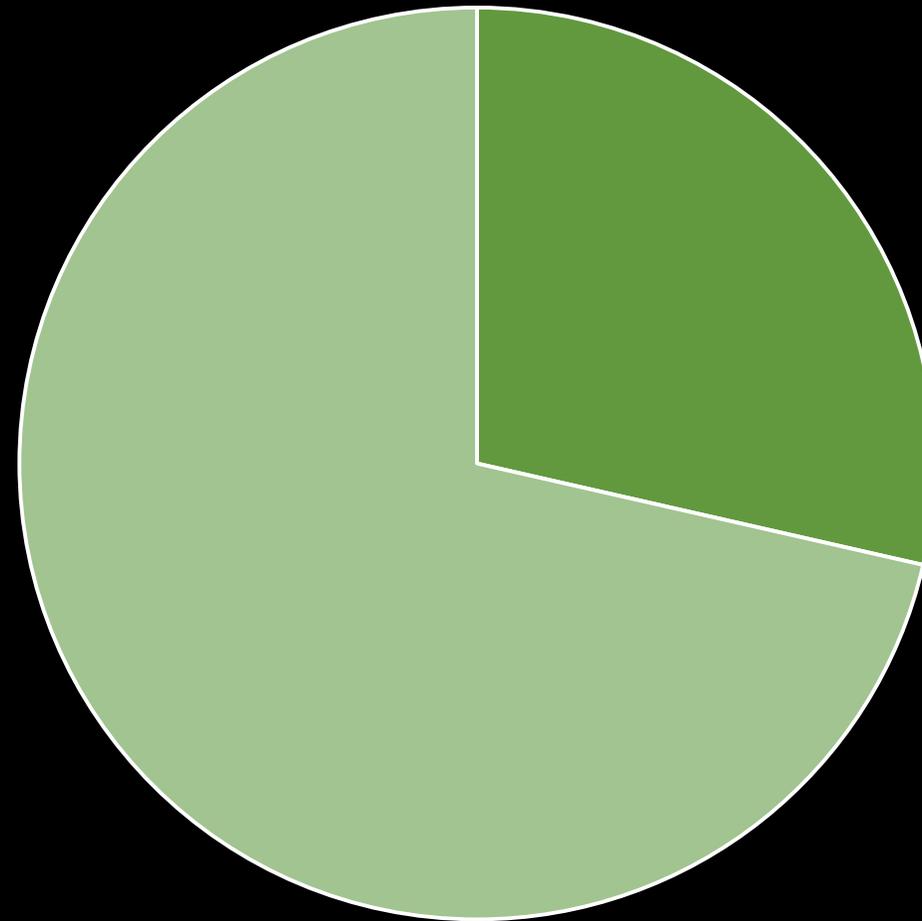
Permanência



■ Nasceram em Barca D'Alva

■ Mudaram-se para Barca D'Alva

O que piorou em Barca D'Alva?

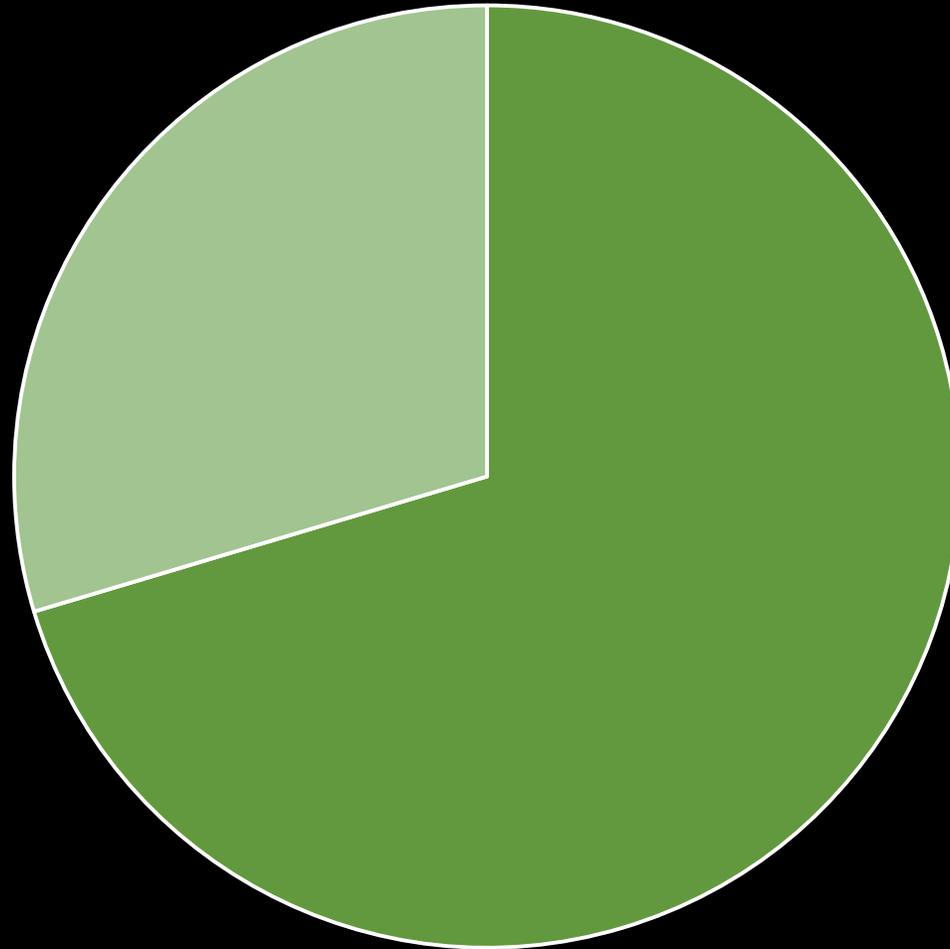


■ Estruturas ■ Serviços



Único ponto bom
cais de Barca D'Alva

Turistas em Barca D'Alva.



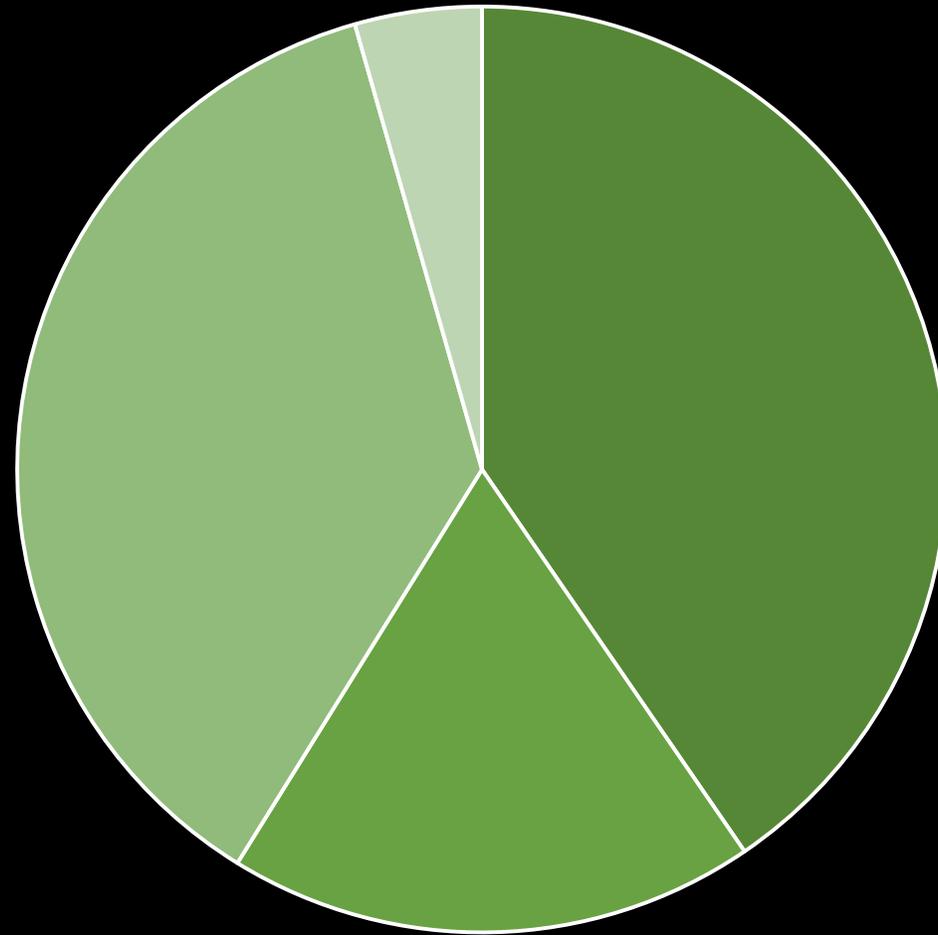
■ Só de passagem ■ Que permanecem



único local para pernoitar

Pensão Bago D'Ouro

O que atrai turistas a Barca D'Alva?

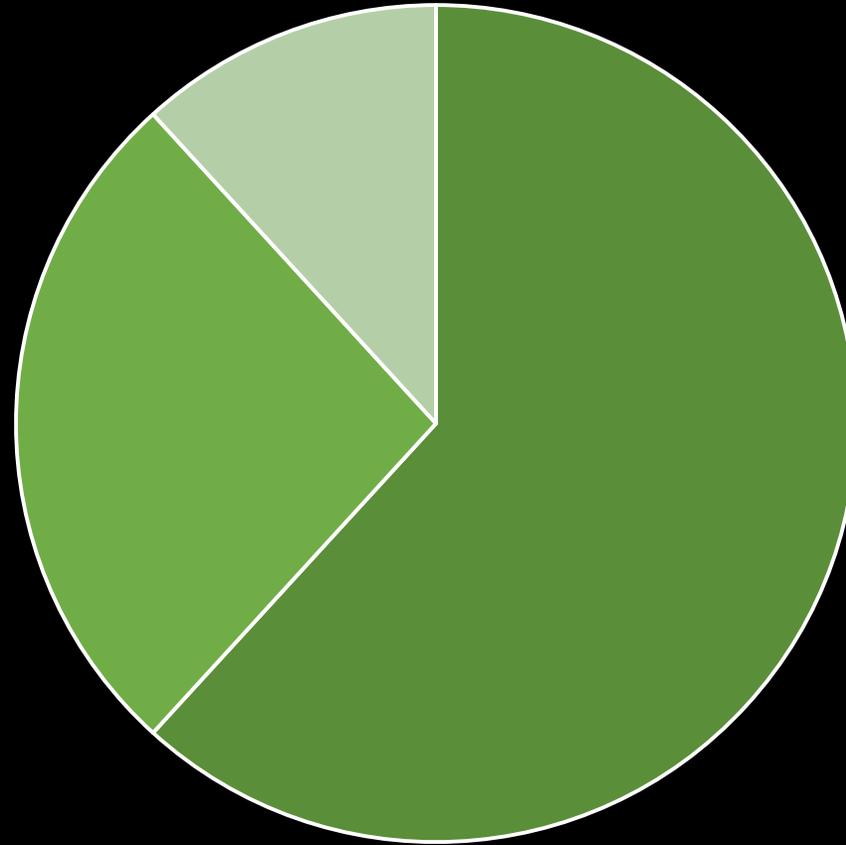


■ Paisagem ■ Caminhos de Ferro ■ Rio ■ Amendoeiras em Flor



o melhor de Barca D'Alva?
Paisagem

O que falta em Barca D'Alva?

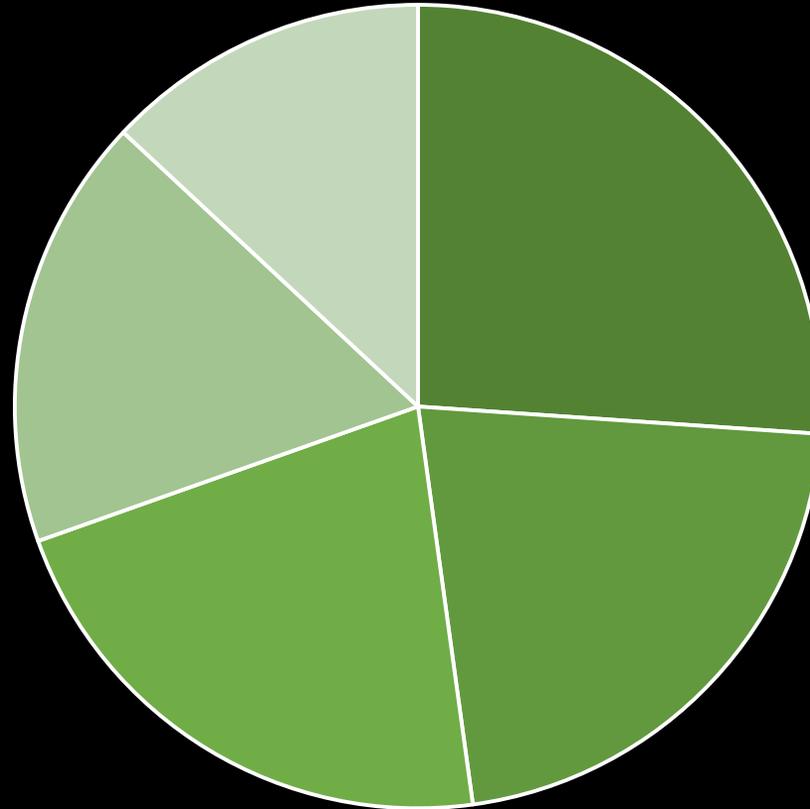


- Serviços (Posto Médico, Correios, Farmácia, Multibanco, etc)
- Praia/Piscina Fluvial
- Pousada / Hotel



centro náutico?
O que fazer lá?

Centro Náutico, o que pode ser feito lá?

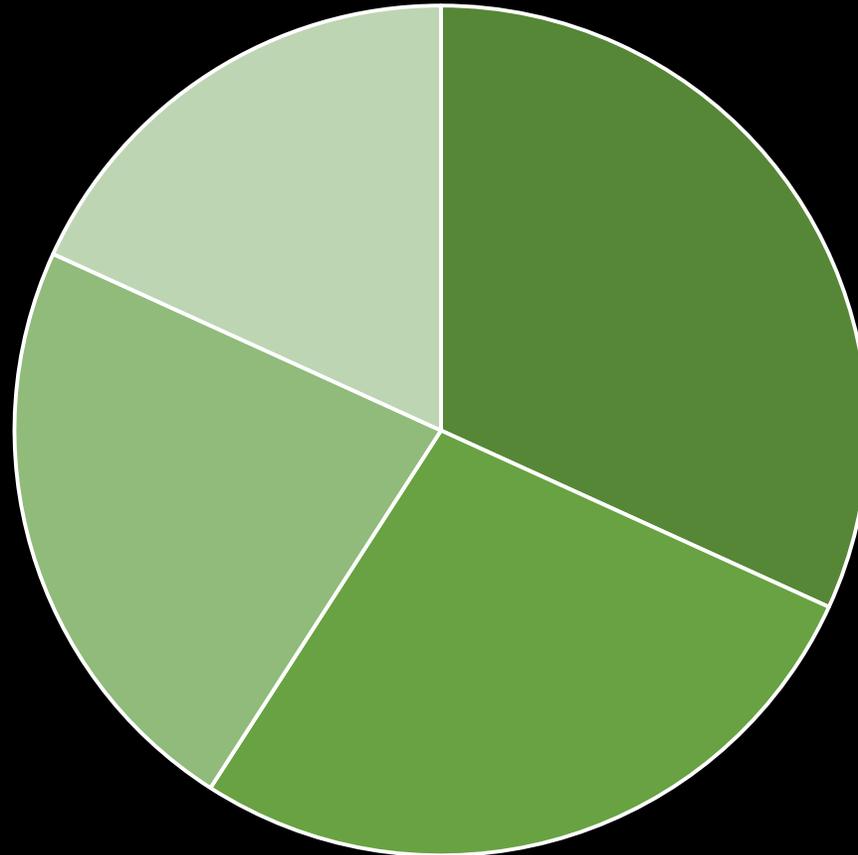


- Lar de Idosos
- Pousada/Hotel
- Centro cultural para a aldeia
- Centro de Desportos Náuticos
- Centro de Formação

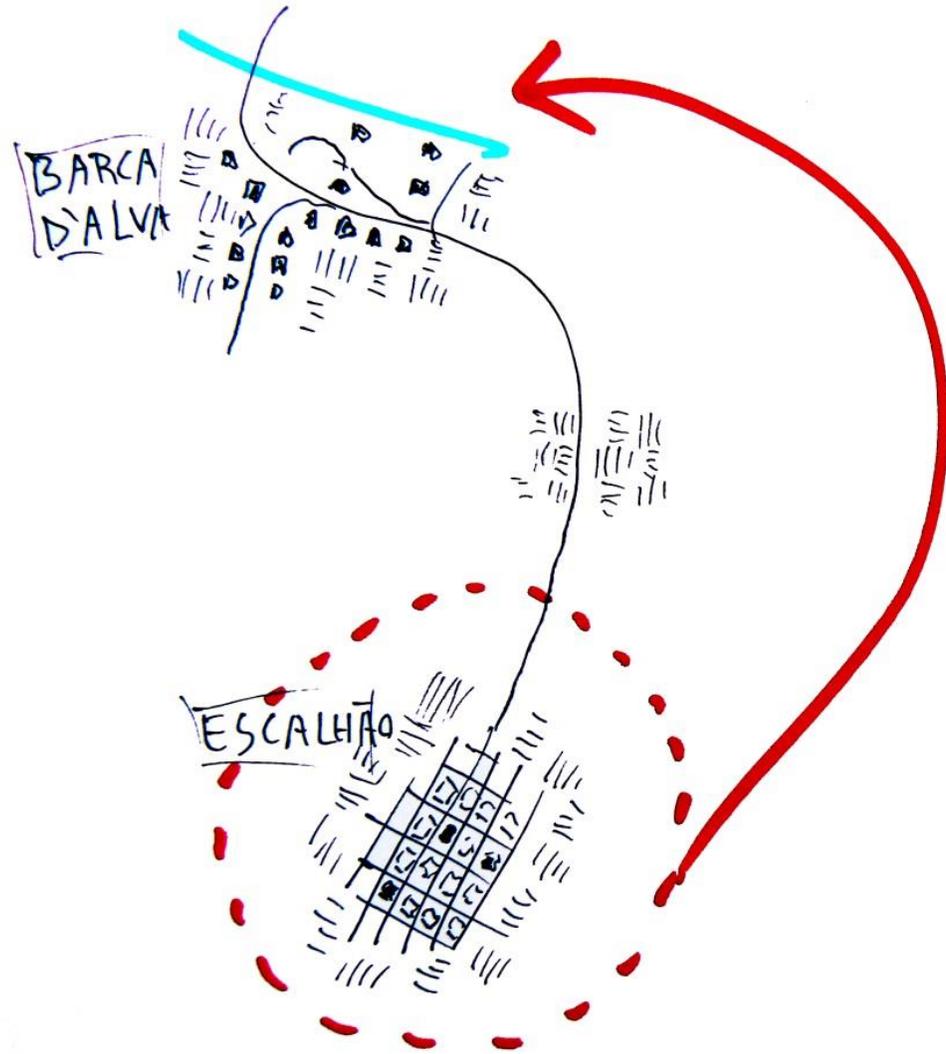


turistas

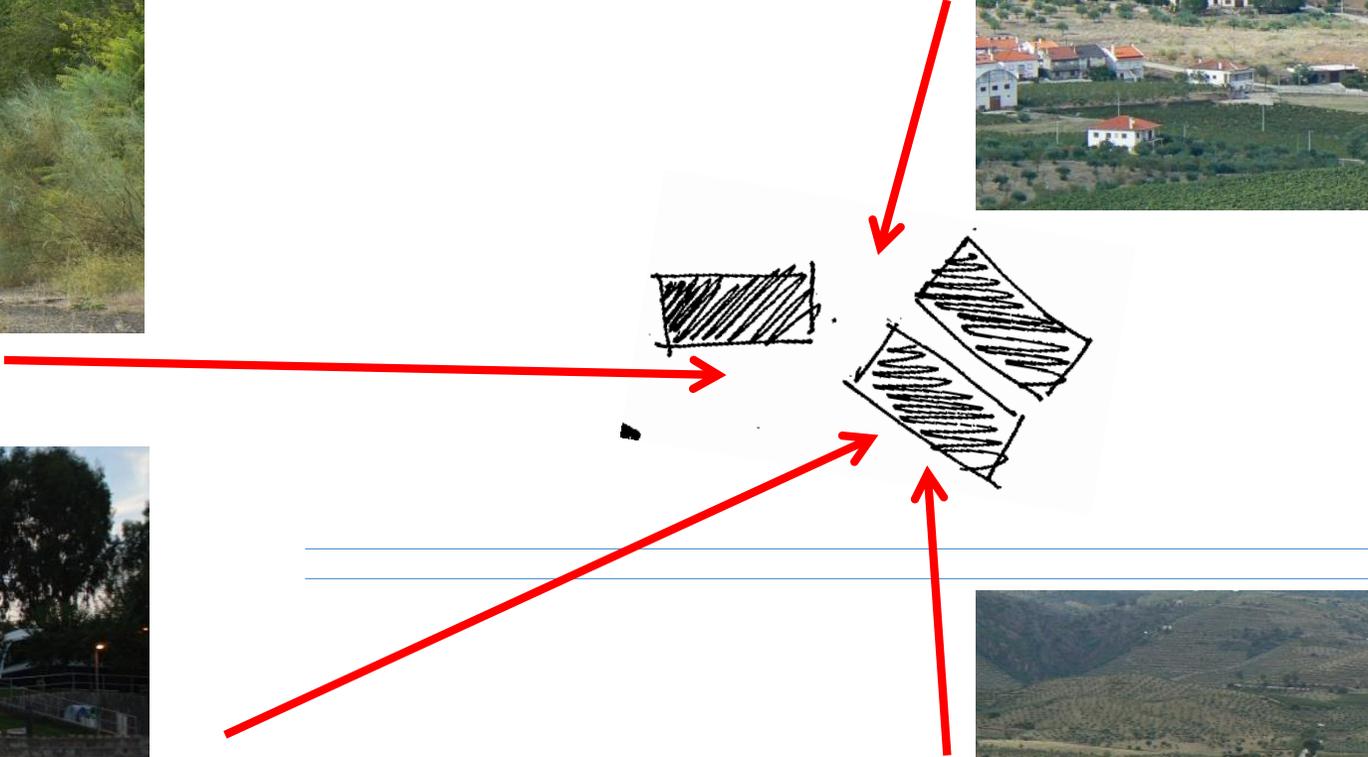
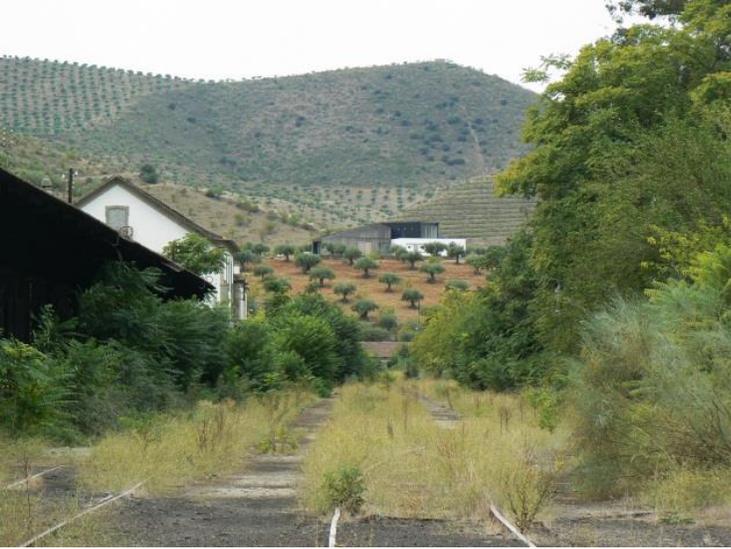
Turistas, como os atrair?

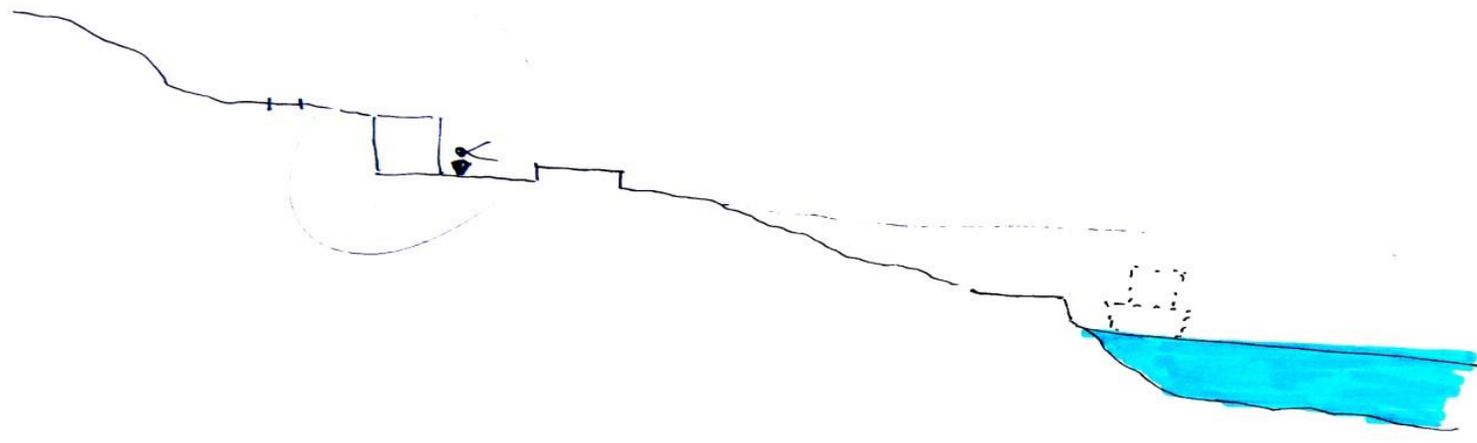
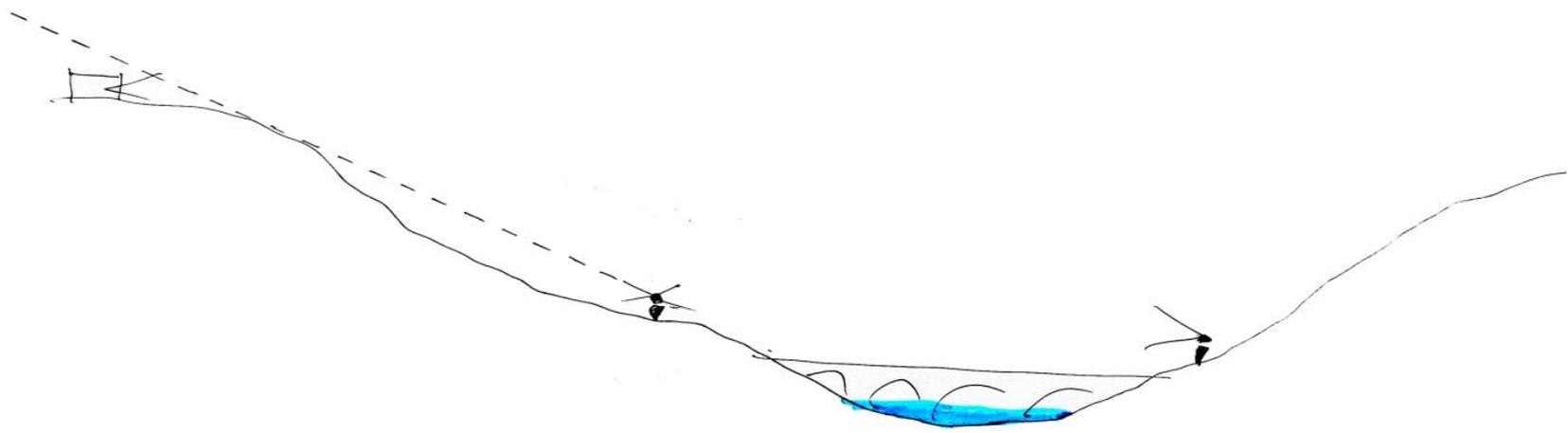


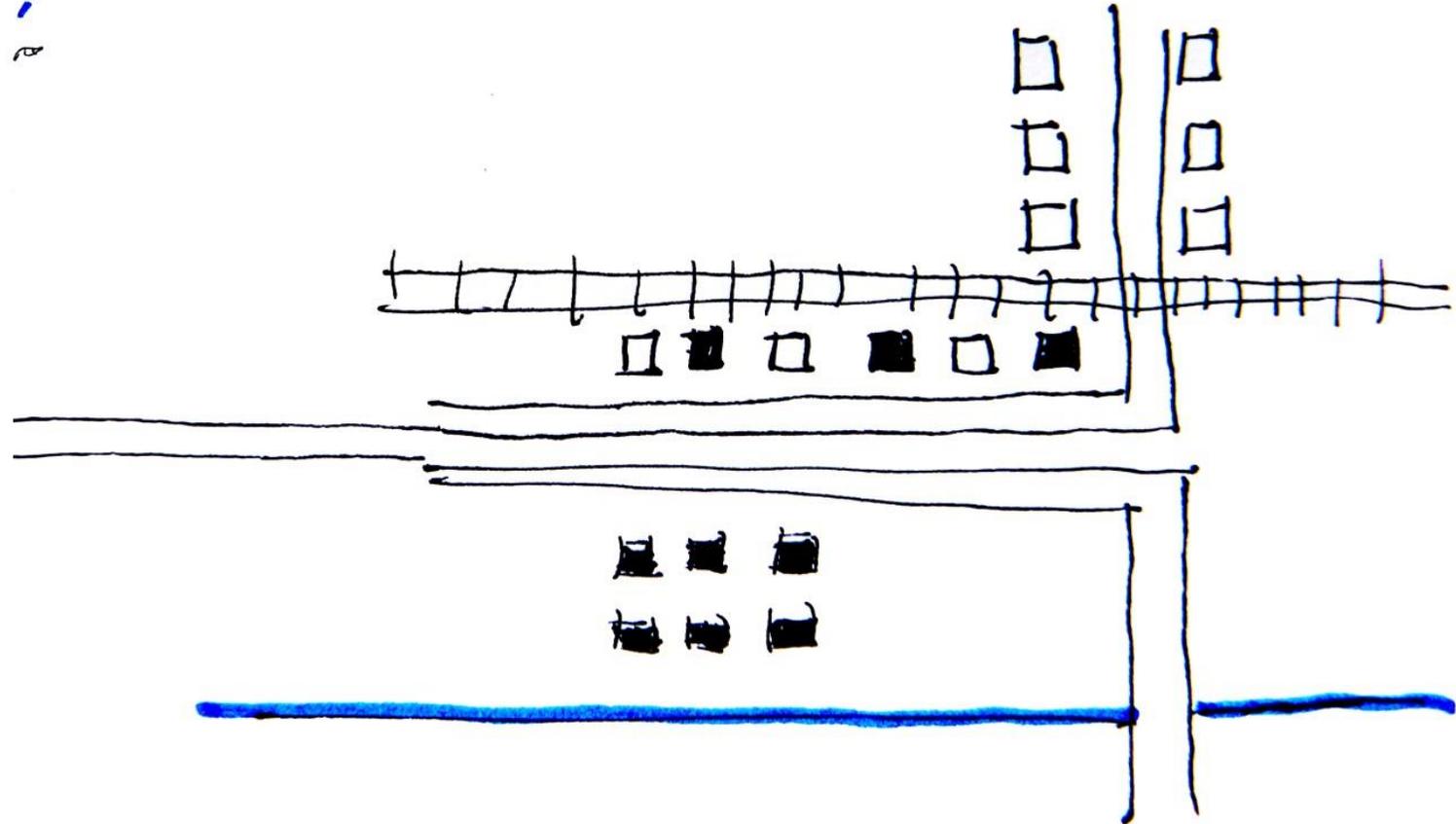
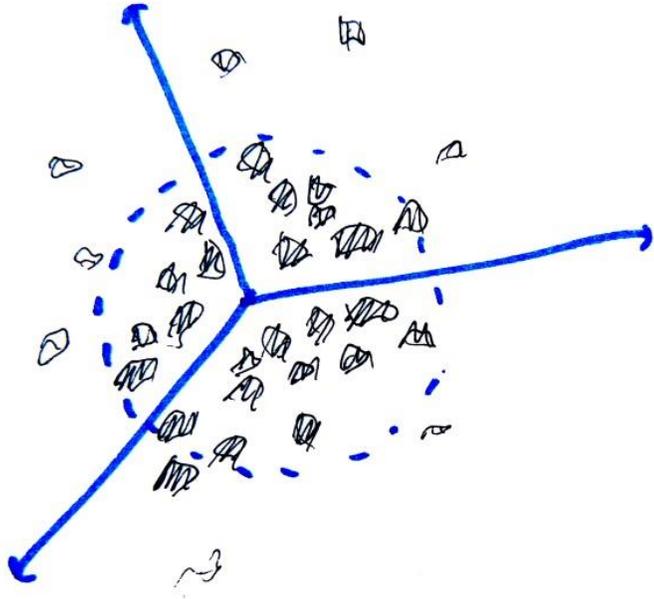
■ Praia/Piscina Fluvial ■ Reativar a Estação Ferroviária ■ Hotel ■ Festival/Festa

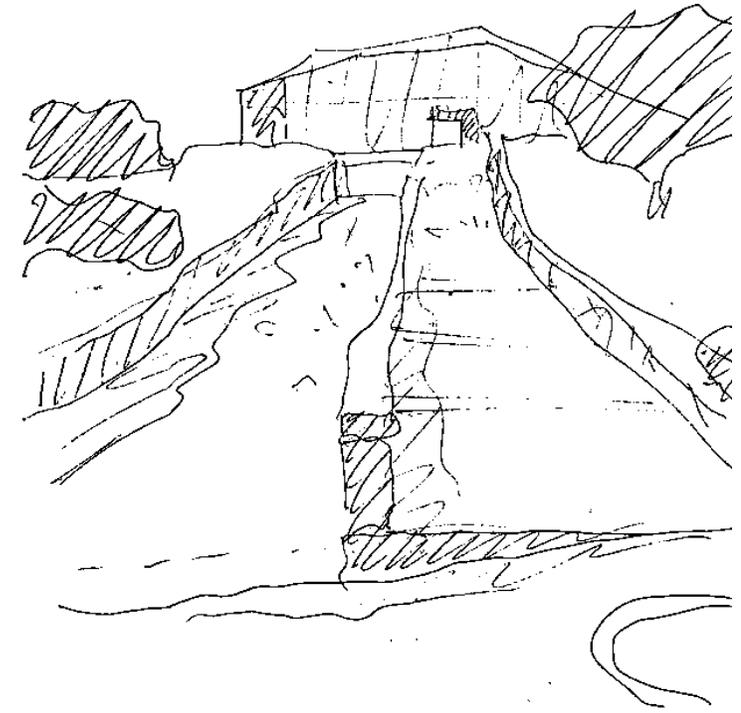
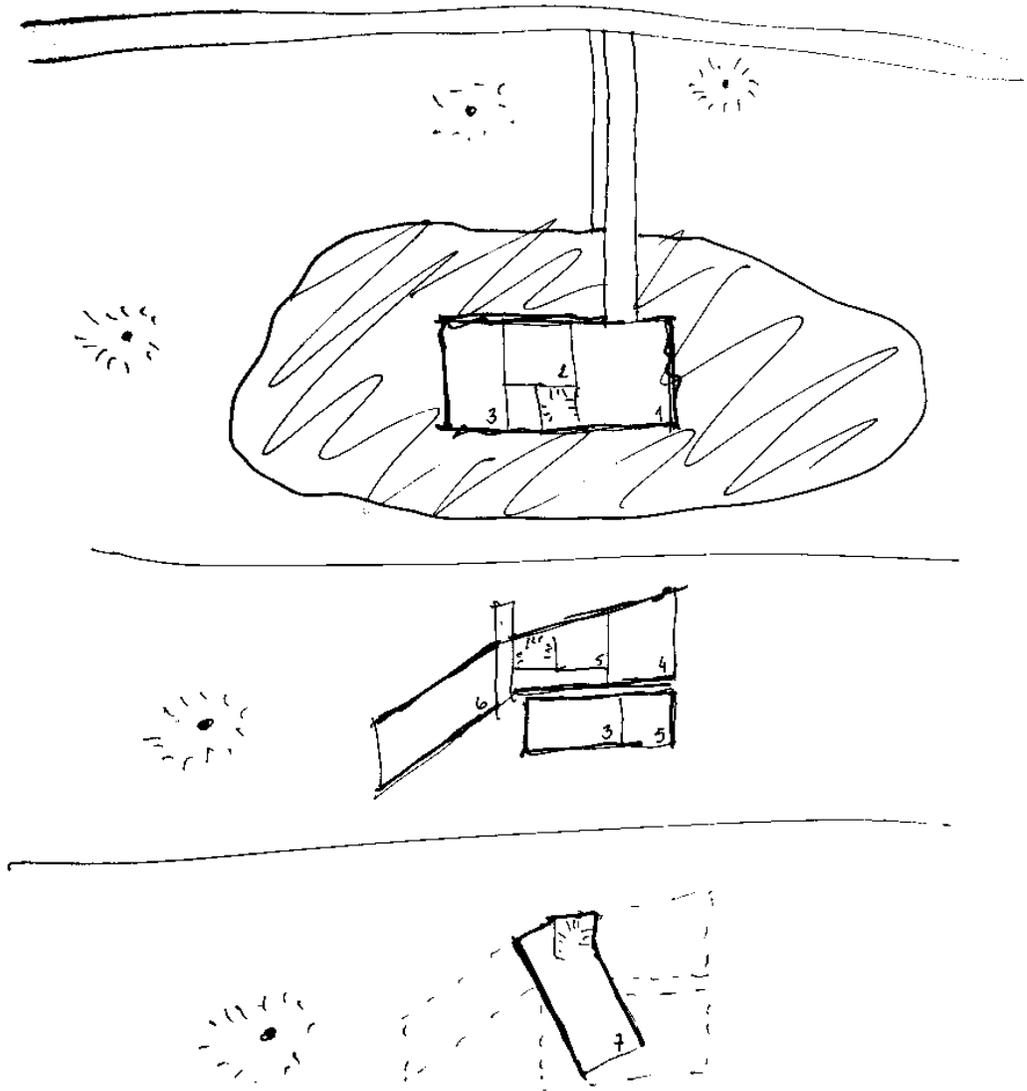




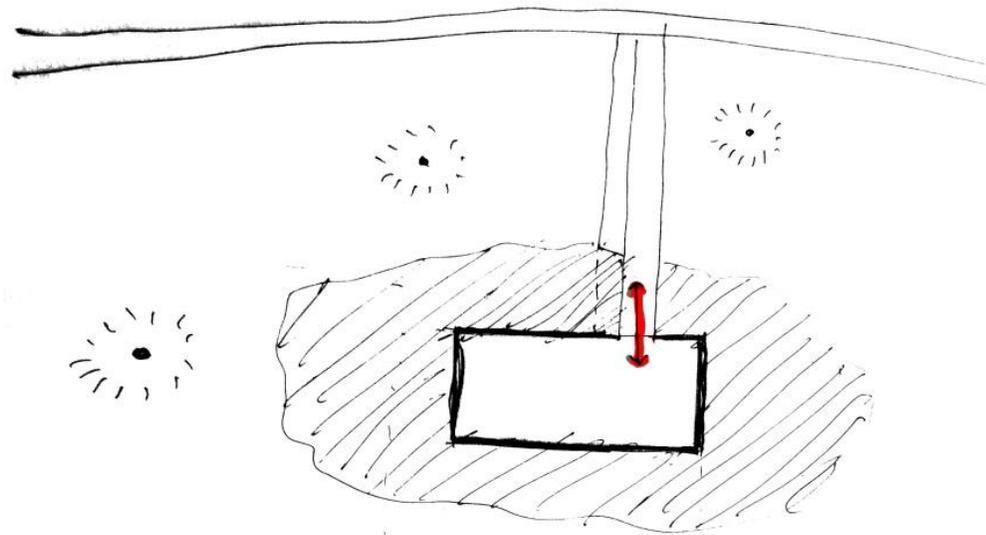




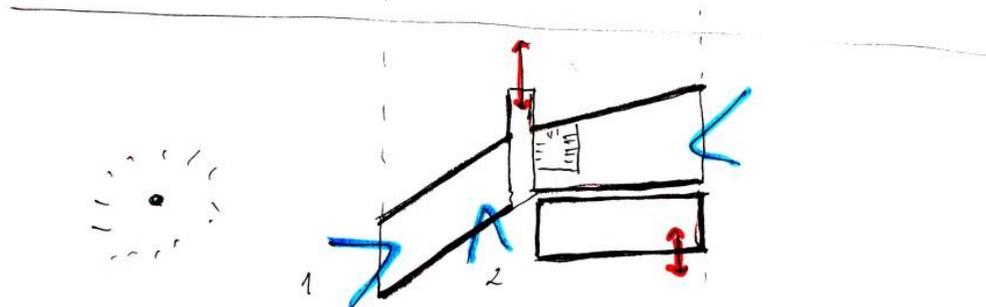




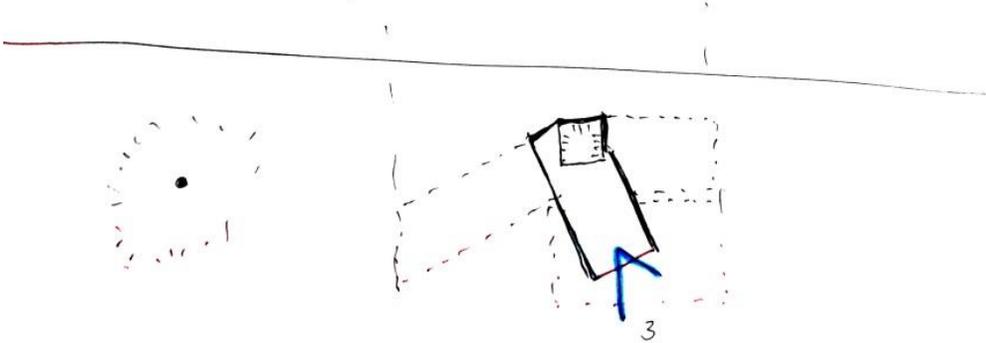
- 1 – Garagem
- 2 – Área Técnica
- 3 – Balneários
- 4 – Sala Polivalente
- 5 – Gabinetes
- 6 – Dormitório
- 7 – Bar/ Esplanada



Vista 1

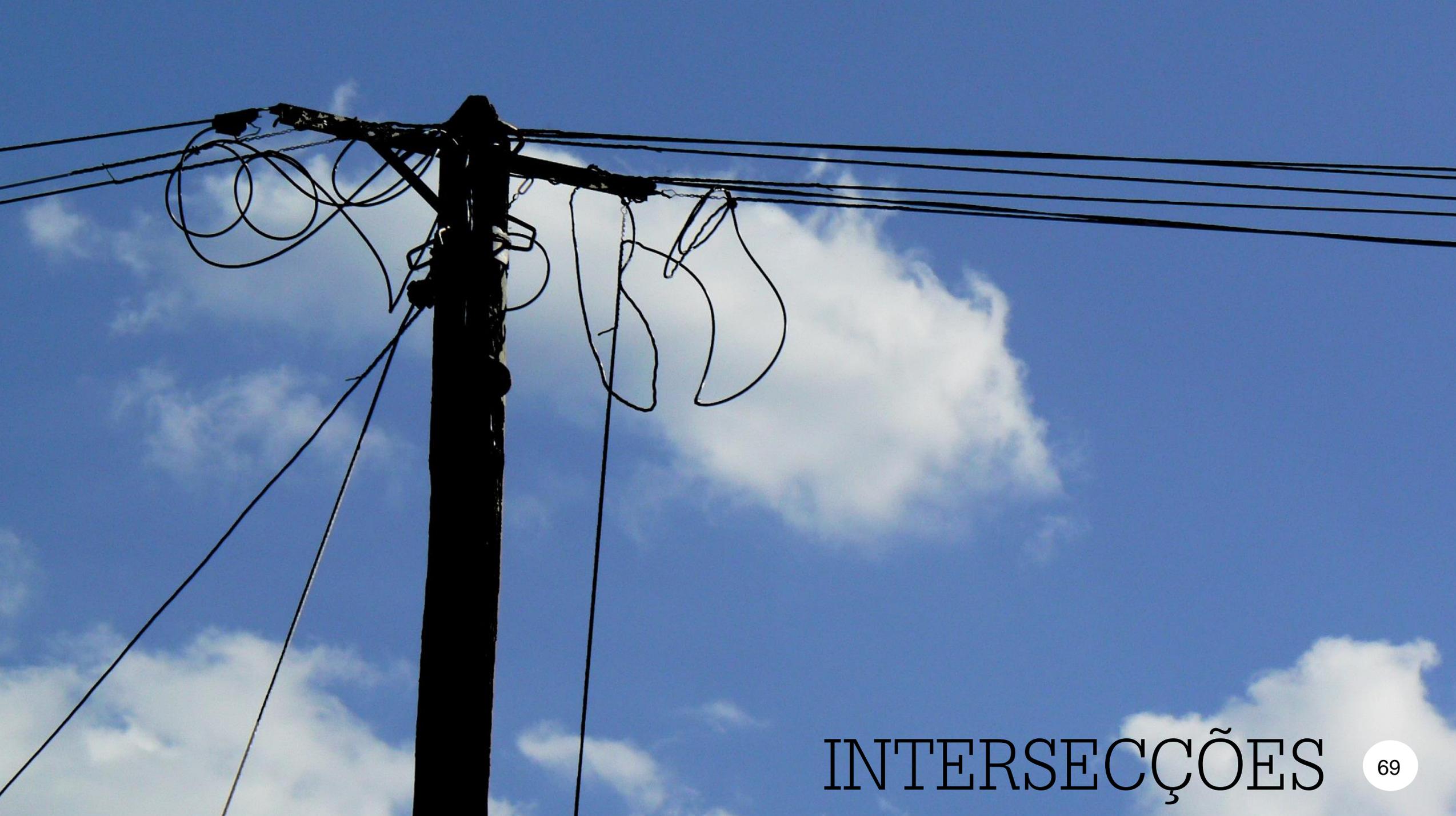


Vista 2

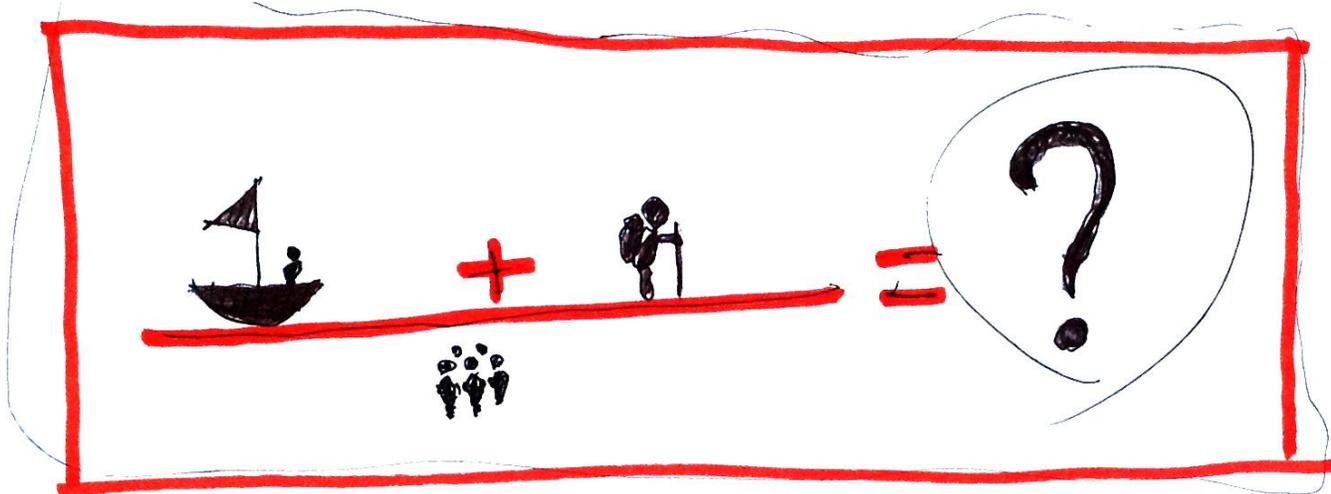


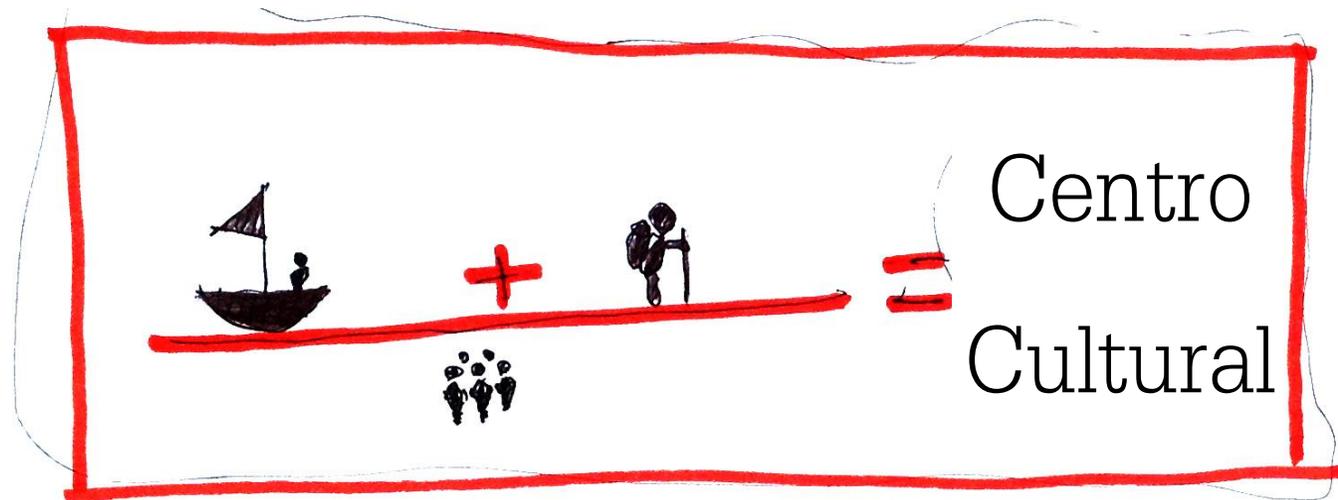
Vista 3

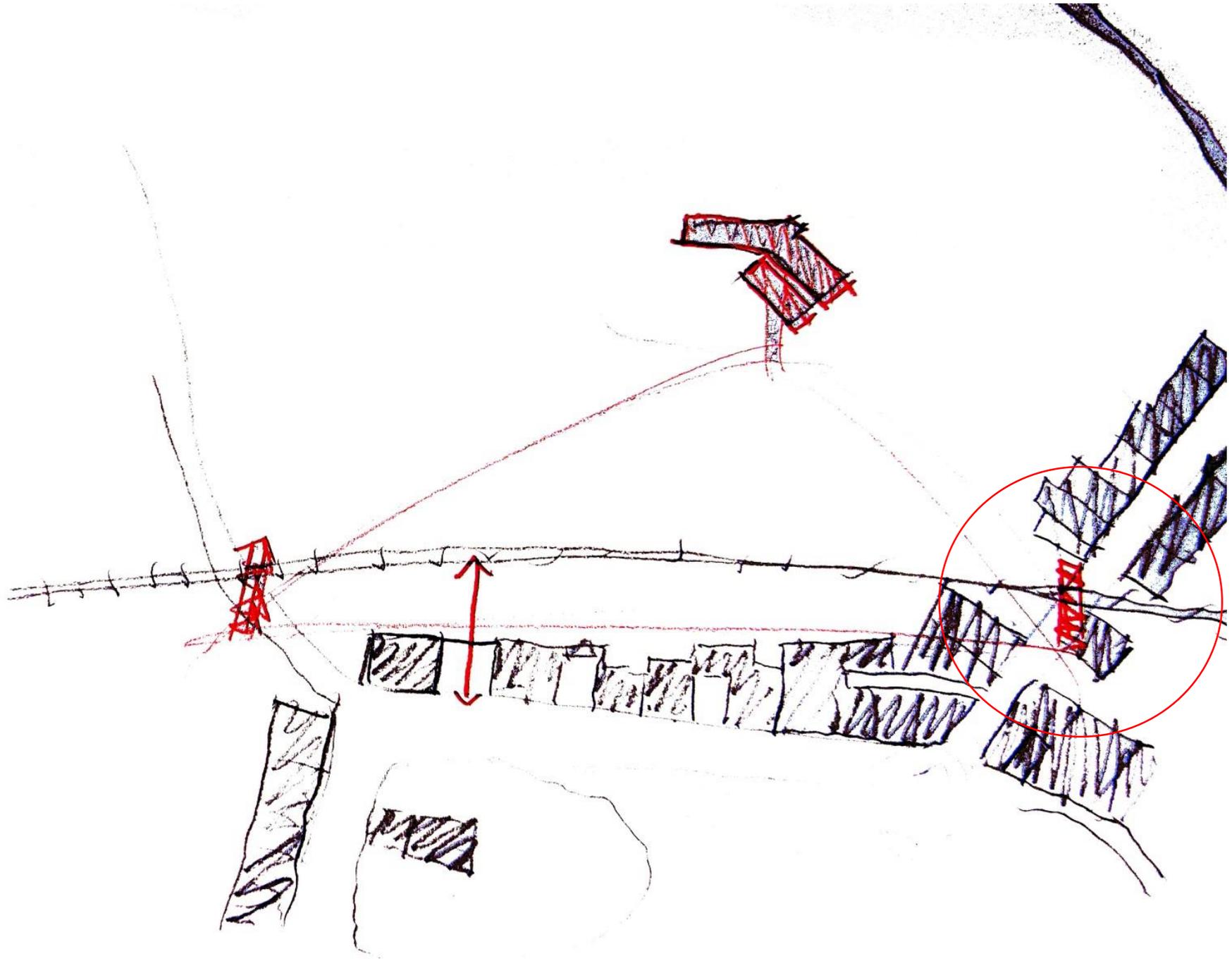


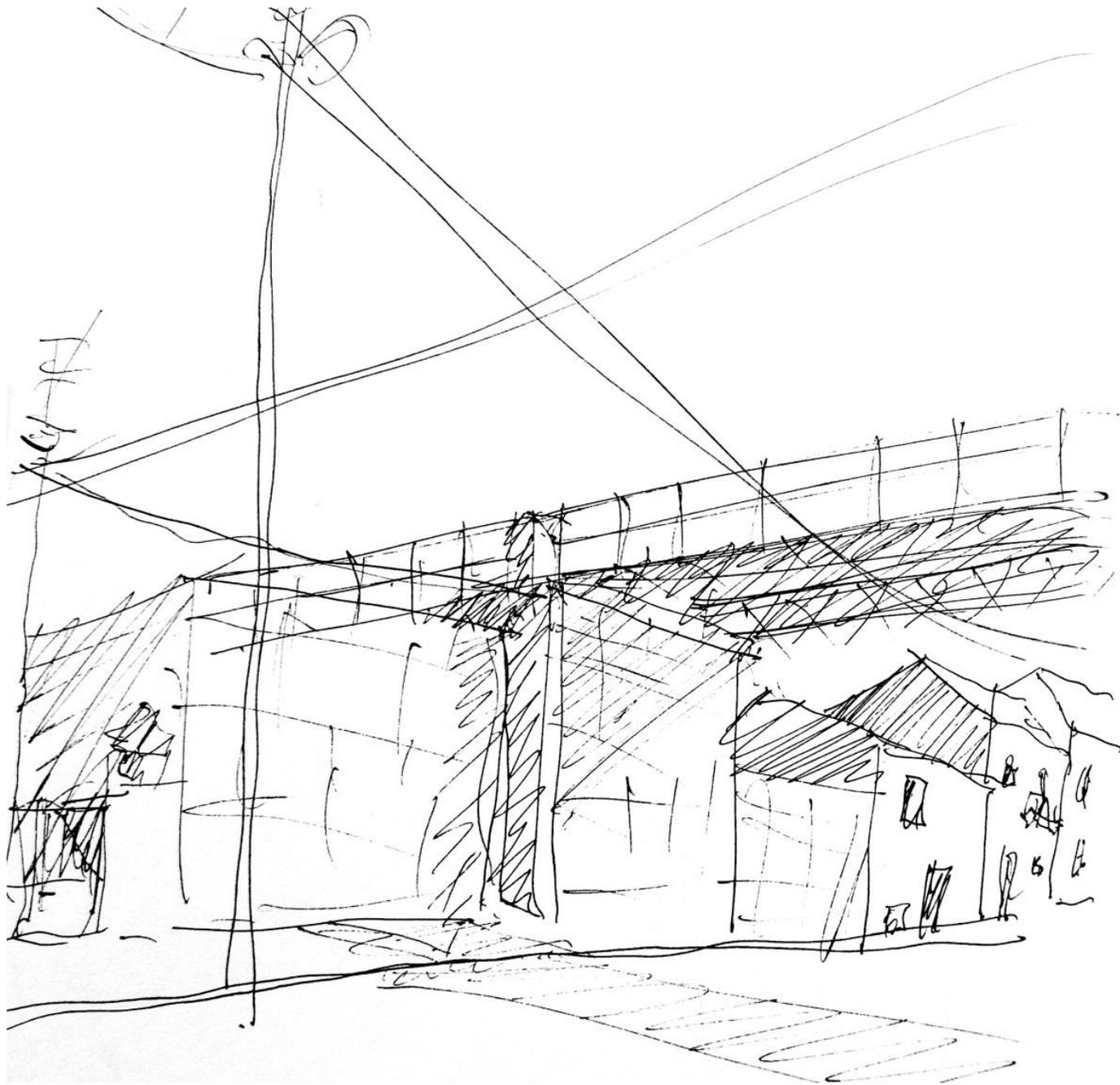


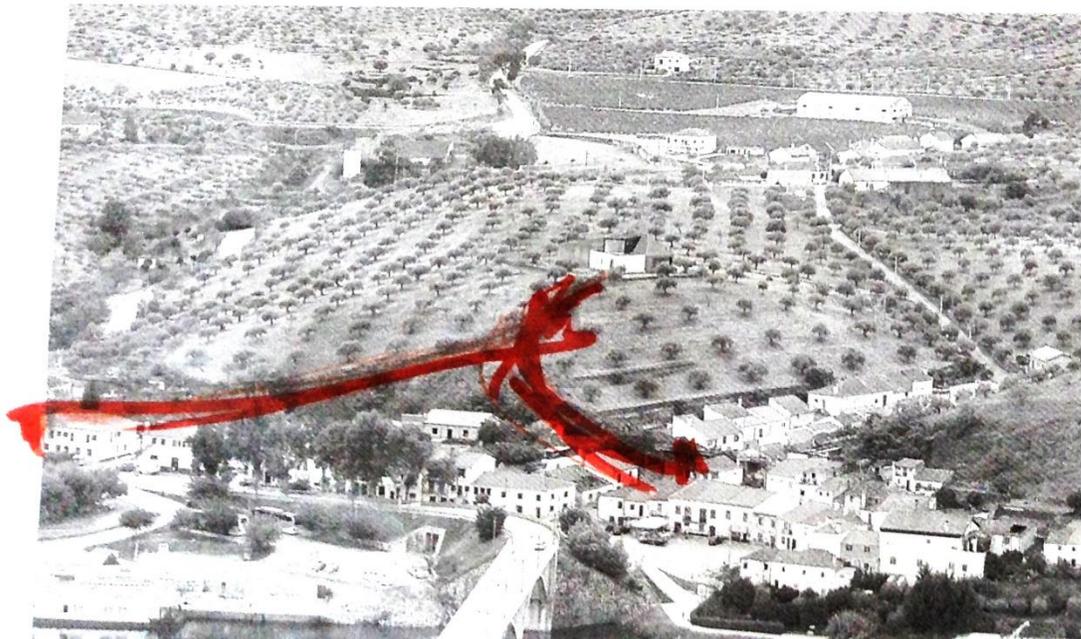
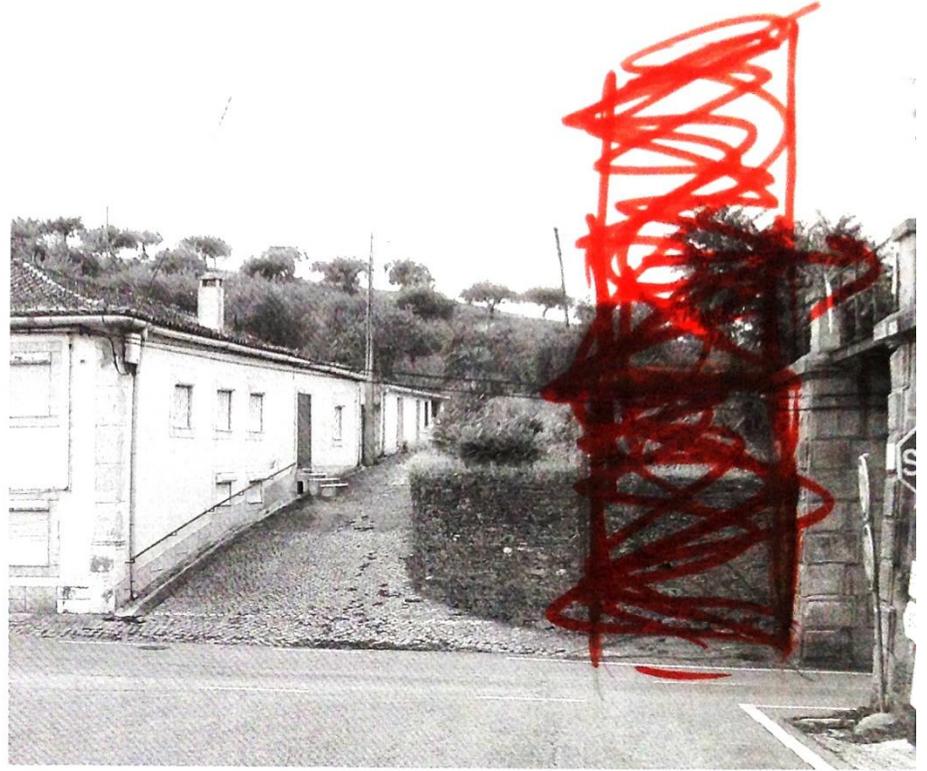
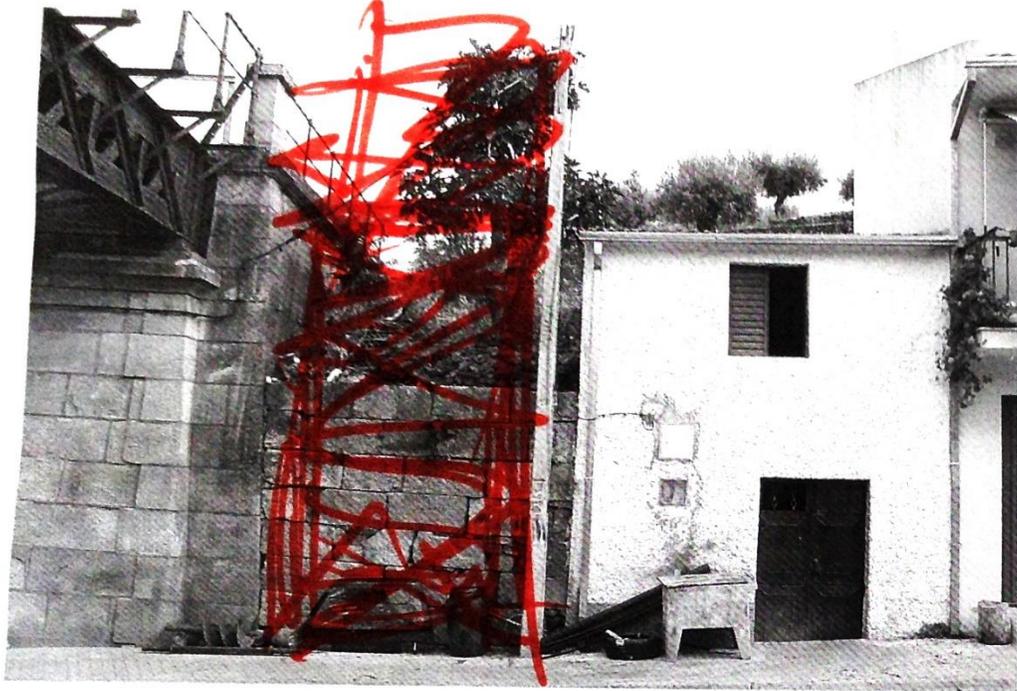
INTERSECÇÕES

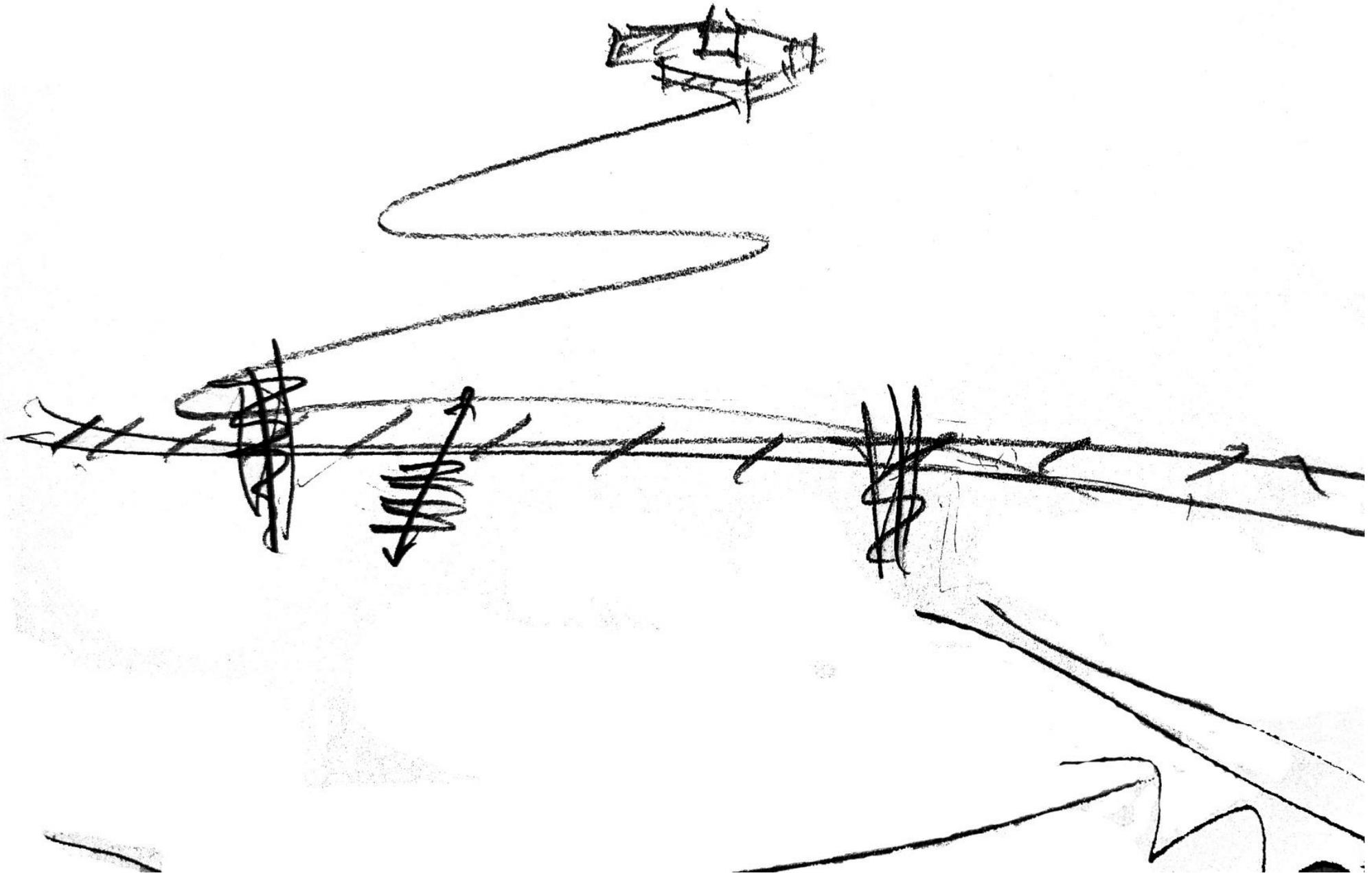








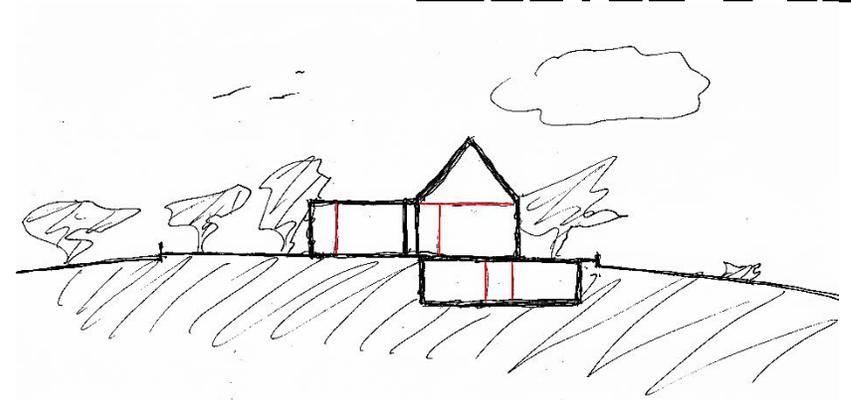
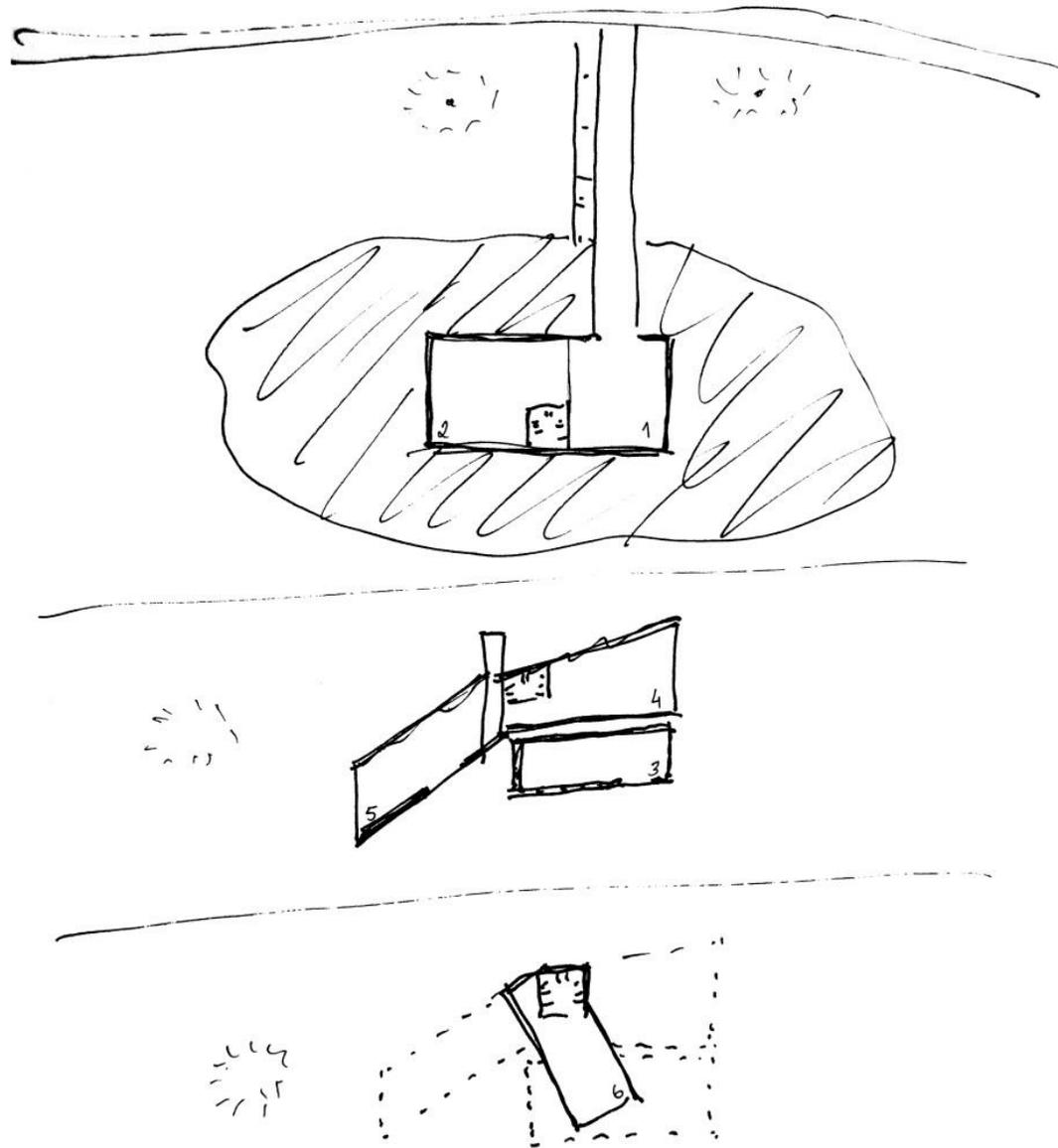




CONEXÃO

MEMÓRIA

LIMPAR



- 1 – Sala de Actividades Temporárias
- 2 – Área Técnica
- 3 – Atelier
- 4 – Recepção/ Posto de Venda
- 5 – Centro de Interpretação da Paisagem e da Estação de Caminho de Ferro
- 6 – Miradouro



Docentes

Prof. Doutor Jorge Marum

Filomena Nascimento

Discentes

Ana Rita Carvalho

André Gottschalck

Filipa Gonçalves

João Inácio

Maria Elena Alvira





**ESCALA
URBANA**

**CASO DE ESTUDO .
FRENTE RIBEIRINHA DE BARCA D' ALVA**

PROBLEMA

Inserção da Frente Ribeirinha

PROGRAMA PRÉVIO

O desenvolvimento de uma ideia de projeto assente na identidade do lugar, potenciando as suas características, com base na dicotomia efémero/permanente.

QUESTÕES

1. Cozer o território dividido pelo rio e pela ponte;
2. Servir a efemeridade sazonal marcada, maioritariamente, pelo turismo;
3. Servir em permanência a população residente e contribuindo para a dinamização – económica/social - do lugar de Barca D' Alva.

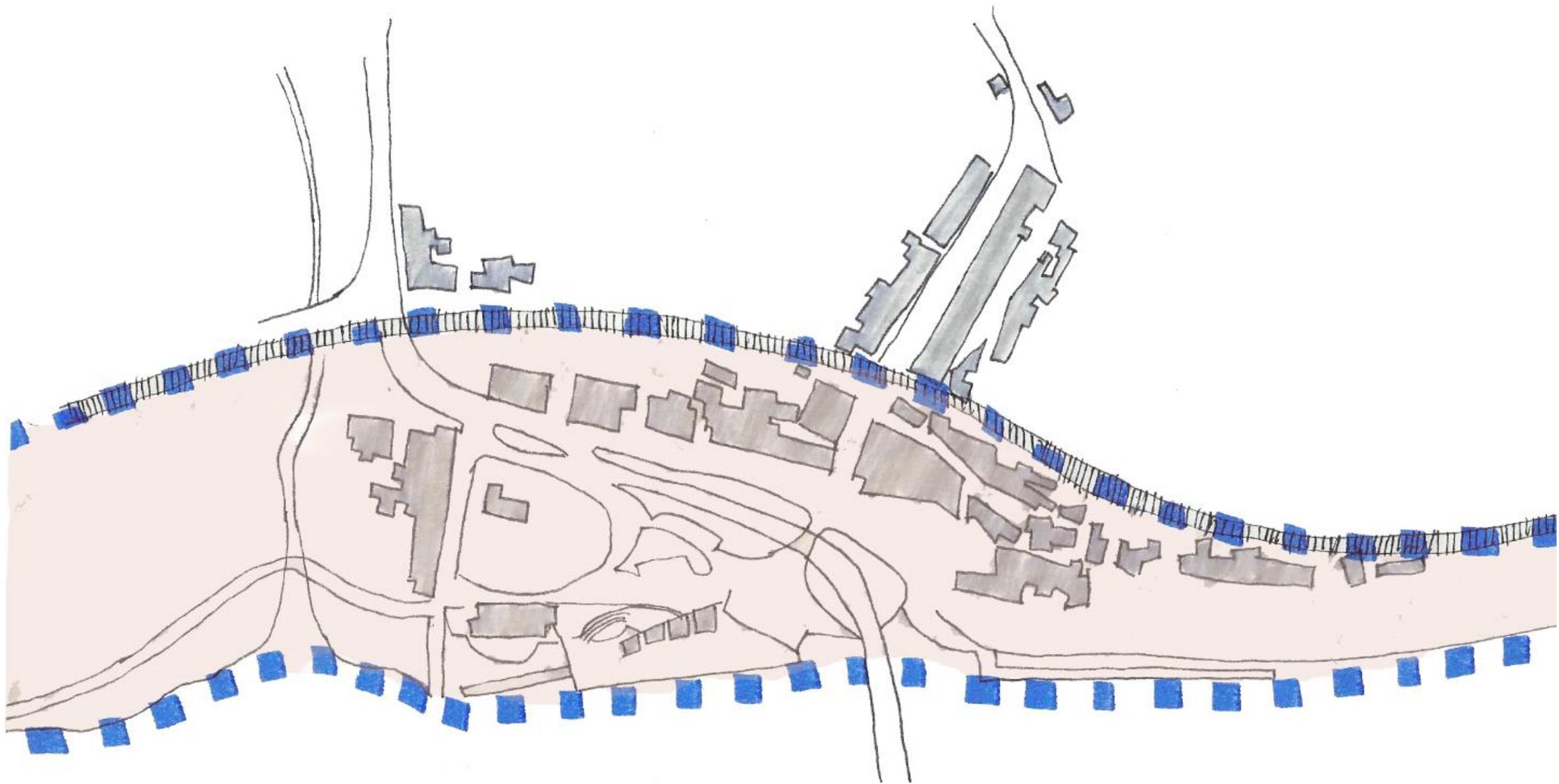
BARCA D'ALVA

INTERVENÇÃO NA ZONA RIBEIRINHA



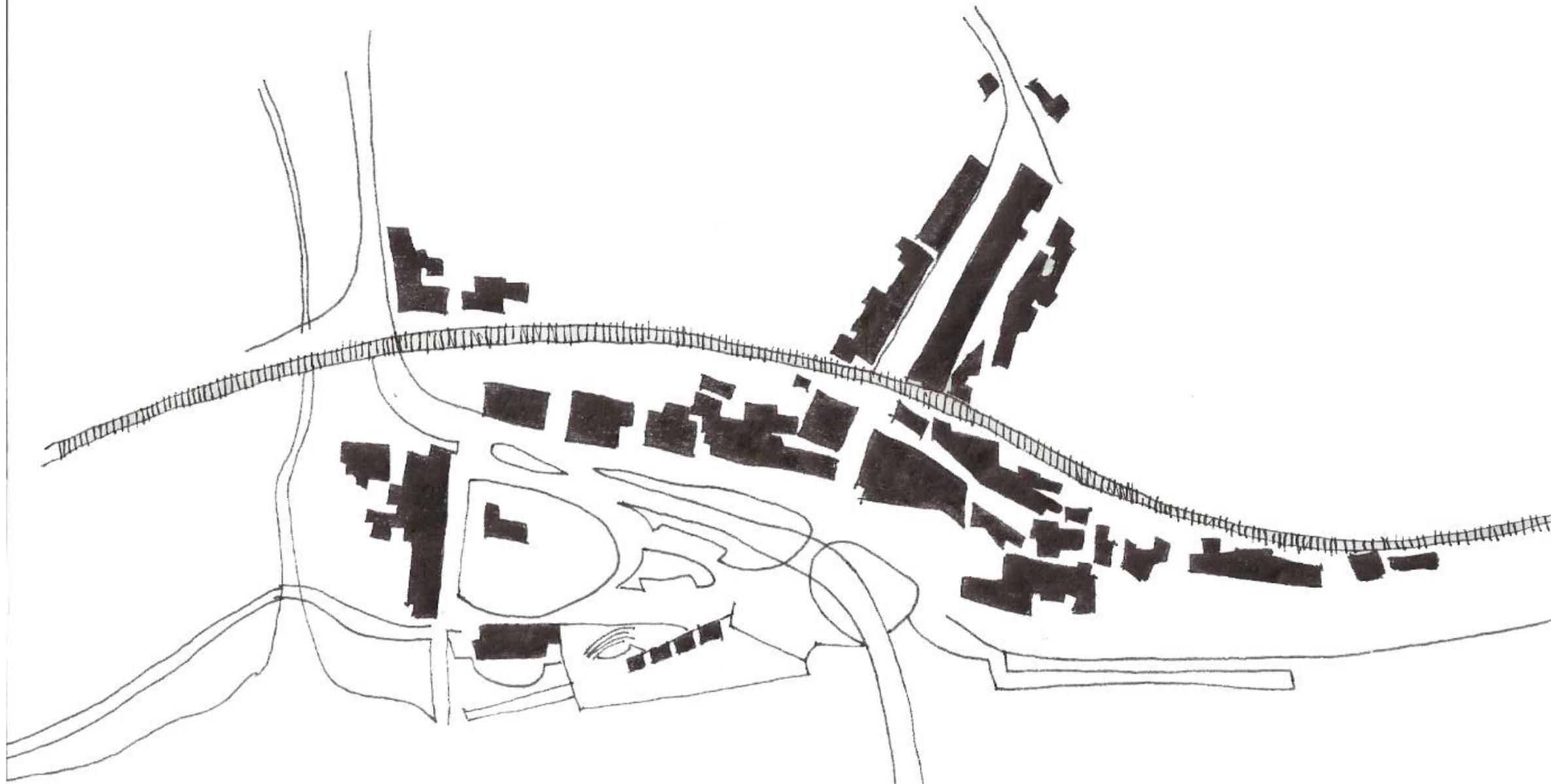




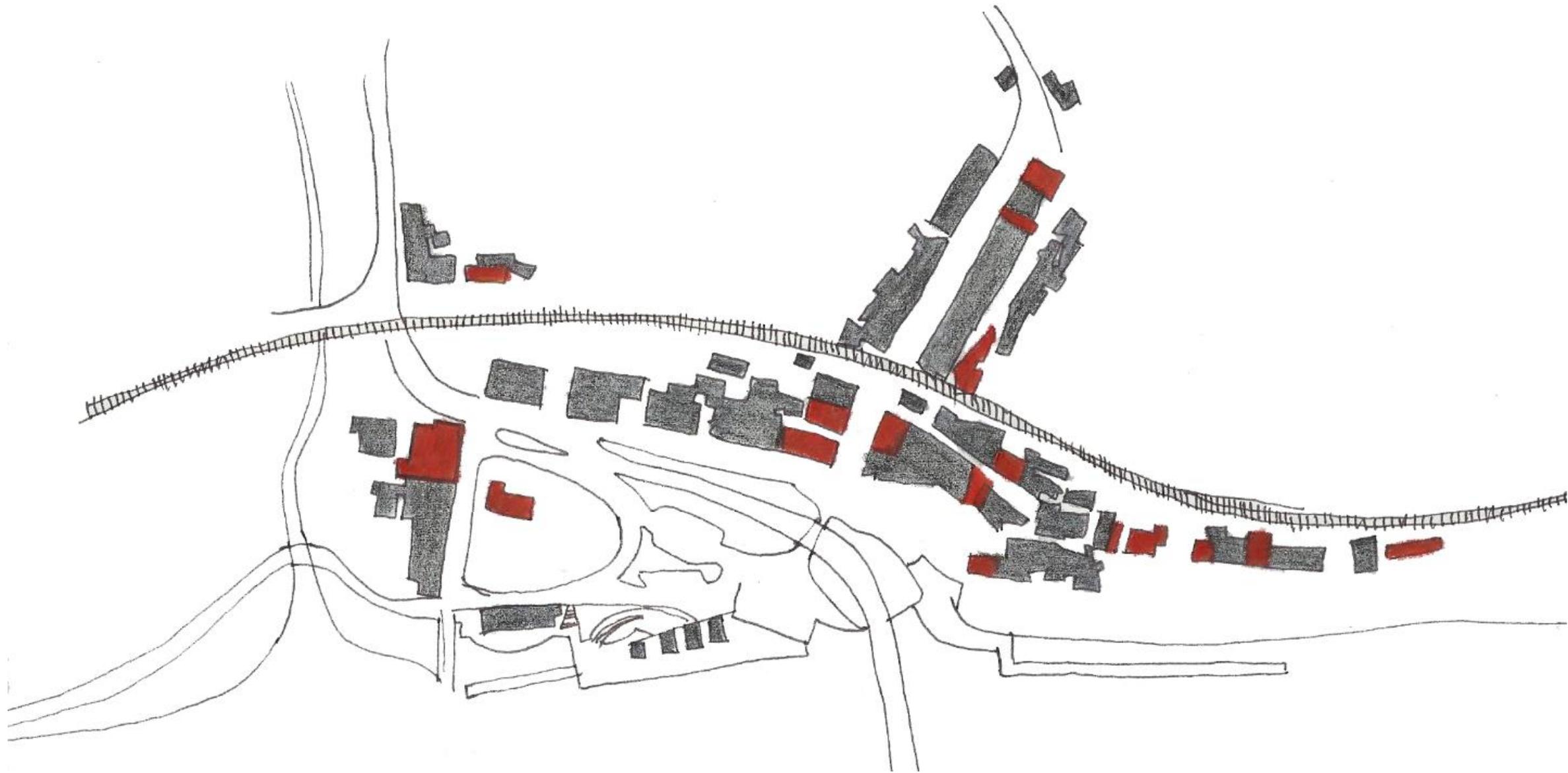


Planta 1: Estudo dos Limites Físicos da Área Ribeirinha

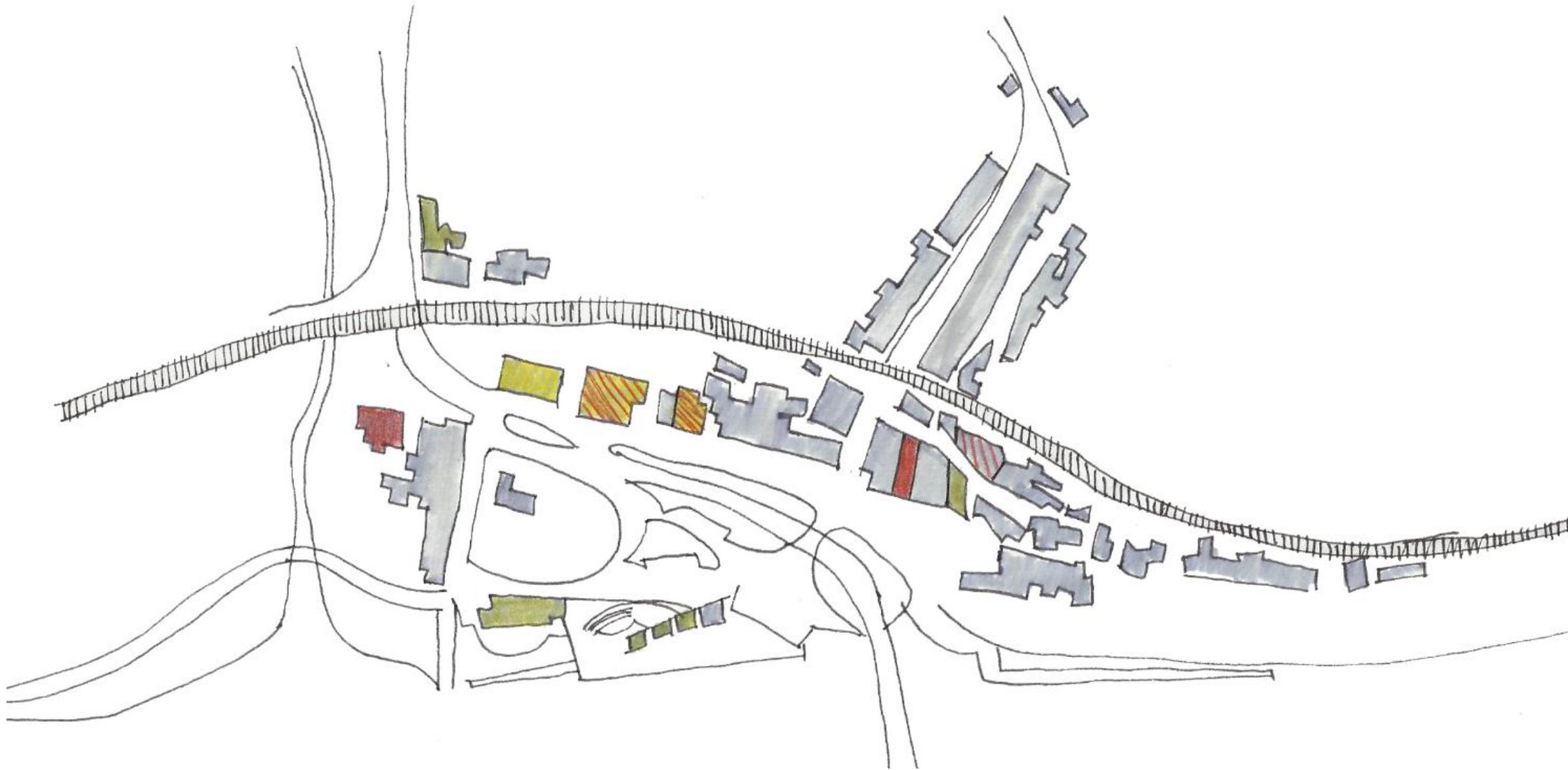




Planta 2: Estudo de cheios vazios



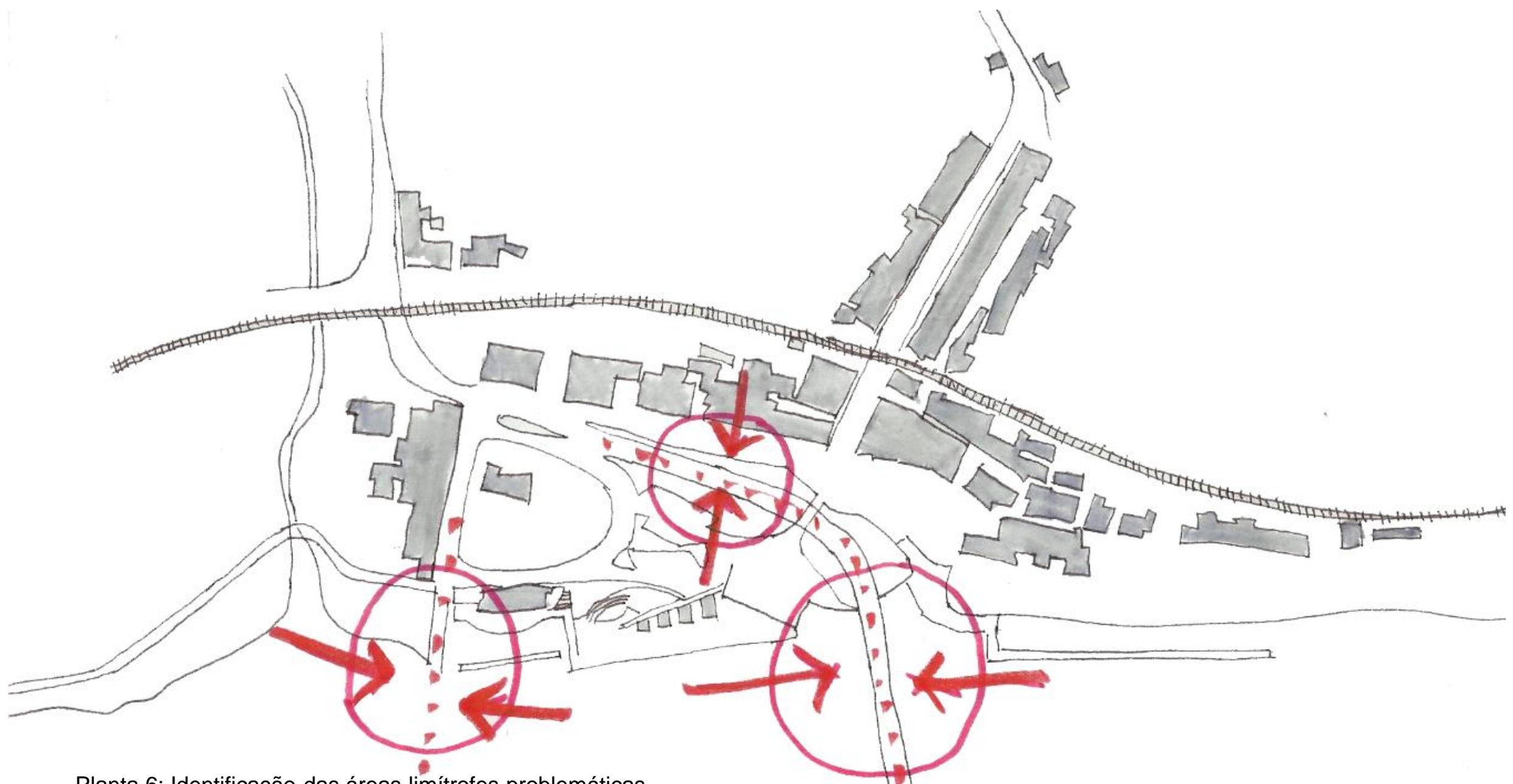
Planta 3: Estudo dos prédios devolutos



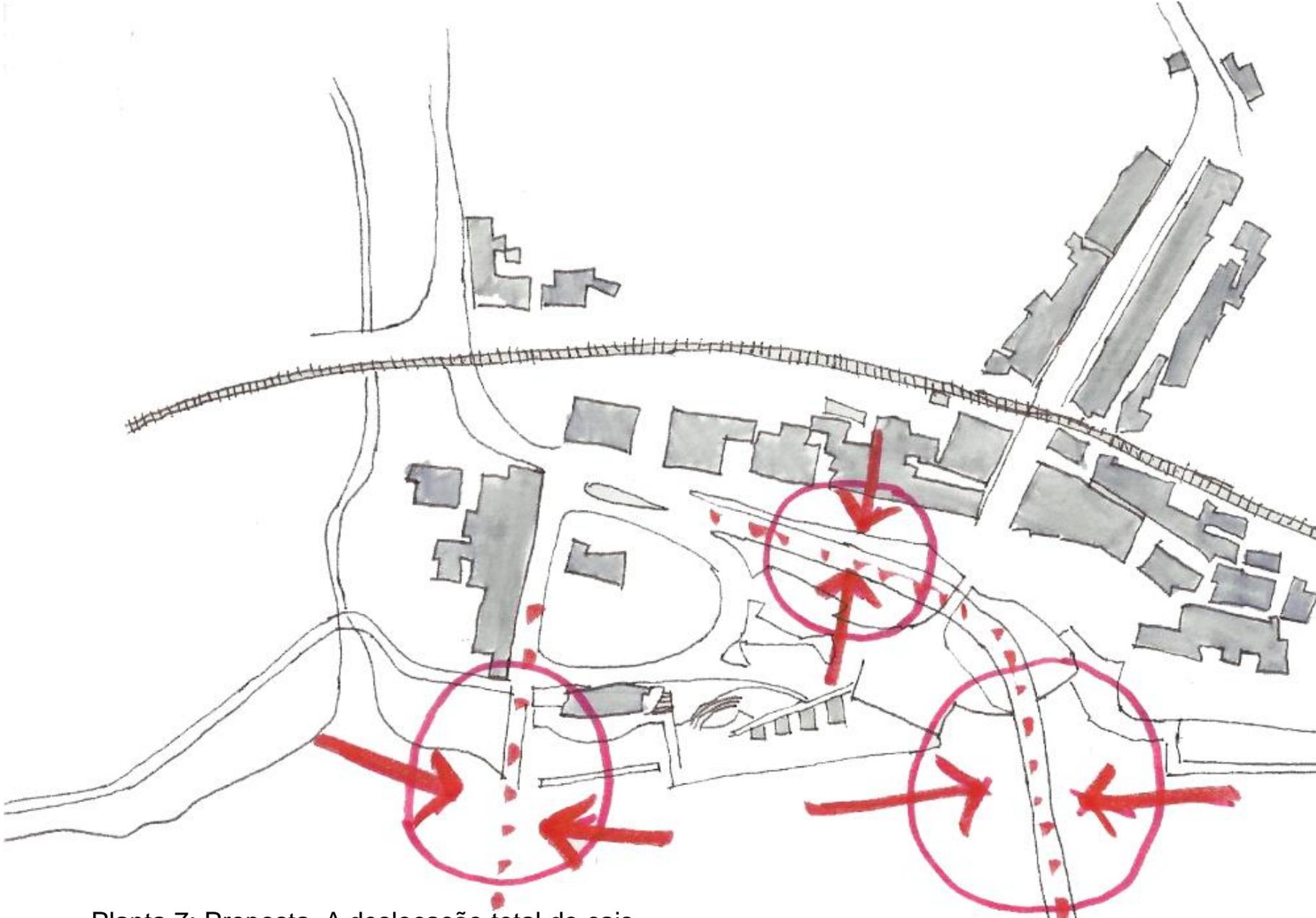
Planta 4: Estudo das funções e ocupação do solo. Habitação, comércio, Turismo; Planta



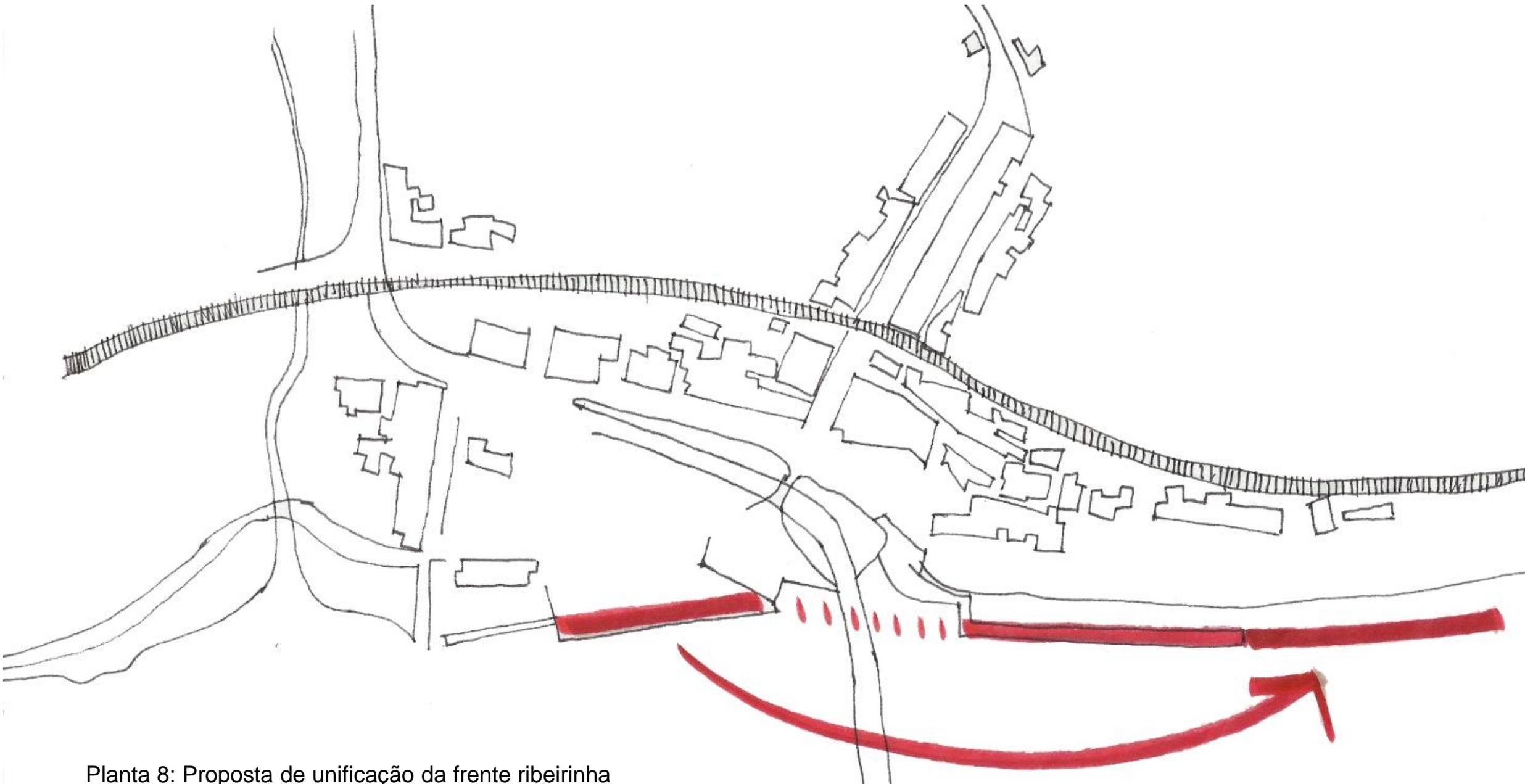
5: Estudo das circulações viárias



Planta 6: Identificação das áreas limítrofes problemáticas

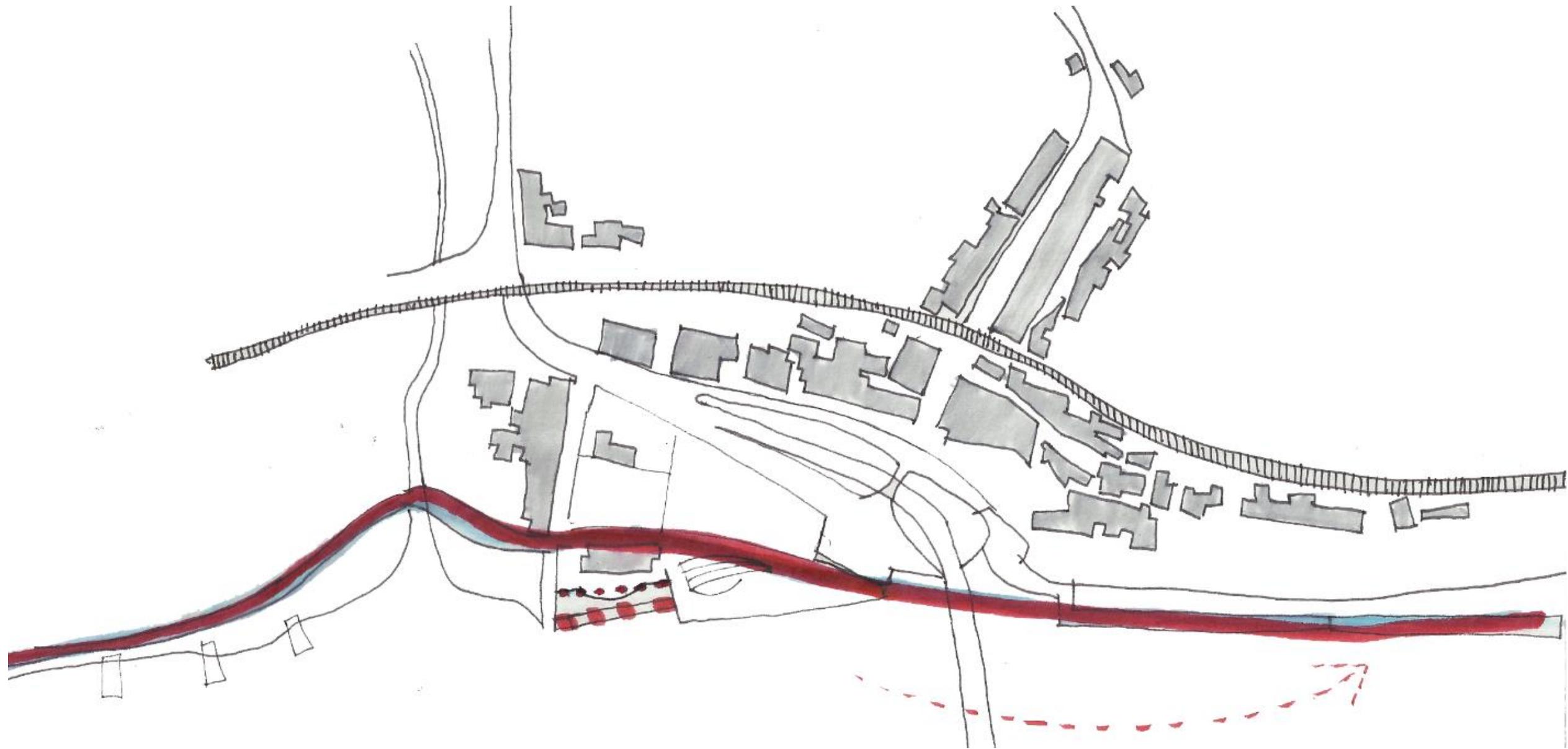


Planta 7: Proposta. A deslocação total do cais



Planta 8: Proposta de unificação da frente ribeirinha





Planta 9: Proposta de remodelação do espaço publico ribeirinho





Planta 10: Proposta de reabilitação do espaço publico central a Barca d'Alva



Planta 11: Planta de intervenção



Planta 12: Proposta



Docentes

Prof. Doutor Miguel Santiago

Telma Morgado Rebelo

Discentes

Cátia Martins

David Oliveira

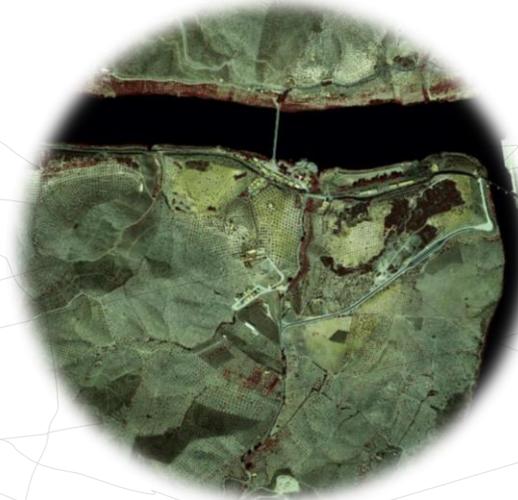
João Ferreira

Leandro Pereira

Mariana Sousa

Martínia Gordino

Renato Gonçalves



**CASO DE ESTUDO .
NÚCLEO URBANO DE BARCA D'ALVA**

PROBLEMA

Impacto visual do Lugar sobre os seus habitantes e visitantes

PROGRAMA PRÉVIO

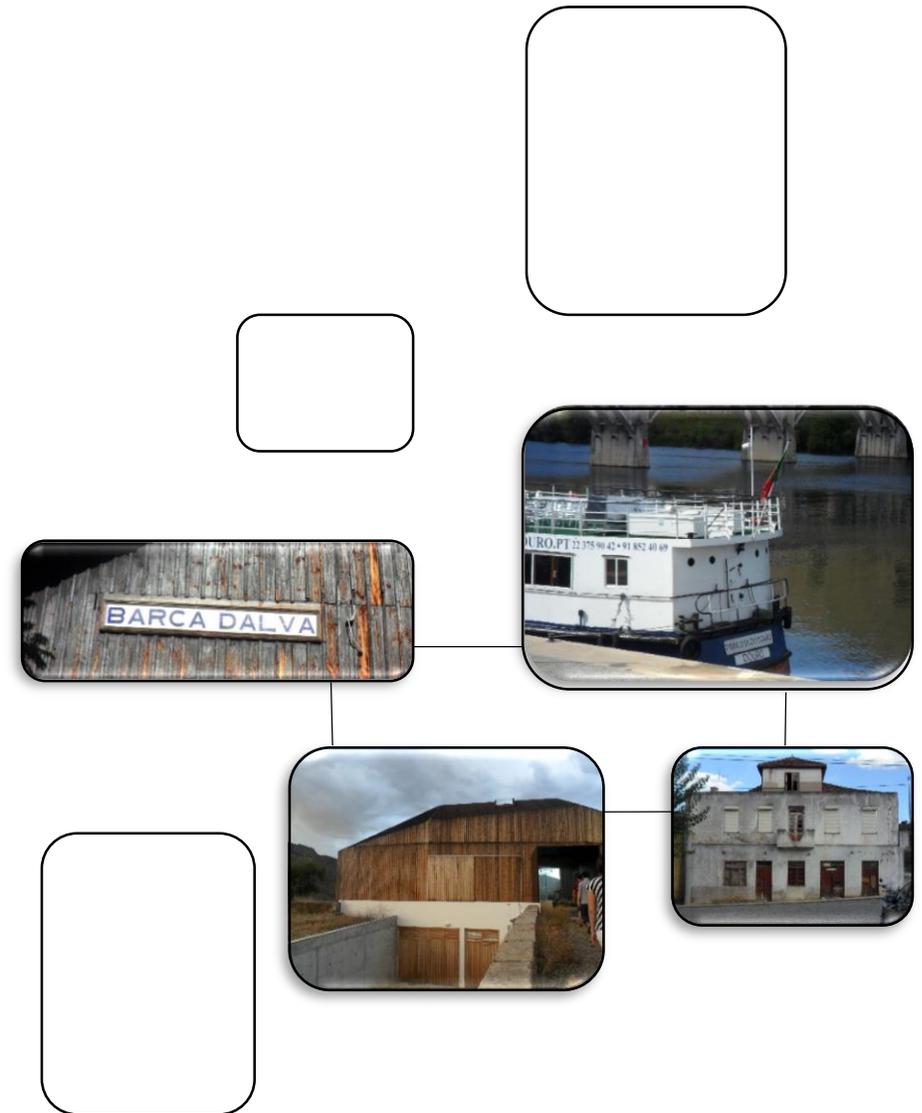
1. Procurar, além do campo científico, responder às questões visuais e de organização dos espaços, através de novos valores e critérios;
2. Destacar soluções para o espaço público e identificar regras de ocupação para o espaço privado;
3. Analisar o plano rodoviário (Barca D'Alva – Almendra) e acessibilidades, identificar possíveis alterações. Considerar que as mudanças no transporte e comunicação alterarão a noção de escala e de forma dos núcleos urbanos;
4. Criação de uma rede de espaços públicos com as regiões envolventes de forma a permitir que mais cidadãos possam usufruir dessas infraestruturas;
5. Propor intervenções em passeios públicos, incluindo dimensões, materiais, mobiliário urbano, arborização, drenagem, ordenamento das infraestruturas e acessibilidades a portadores de mobilidade reduzida.

QUESTÕES

1. Qual o impacto visual da cidade sobre os seus habitantes e visitantes?
2. Como os habitantes e visitantes sentem emocionalmente o lugar?
3. Existem contrastes suficientes que tornam o lugar perceptível num sentido mais profundo?
4. Ao pensar na sua posição geográfica, Barca D'Alva - Figueira de Castelo Rodrigo – Guarda, e aspetos geomorfológicos (base da vertente da margem esquerda do Rio Douro – Norte e junto ao elemento de fronteira internacional, definida pelo Rio Águeda a Leste) encontramos aplicados critérios de conexão e de acessibilidade?

PARarquitectura

Projecto Barca D'Alva
Escalhão – Figueira de Castelo Rodrigo



Portugal



Barca D'Alva



Beira Interior Norte NUT III

Habitantes → Barca D'Alva



Local de
residência

Familiar

Fraco
desenvolvimento
económico e
social

Fracos meios
de acesso

Seguro e
acolhedor

Com
Potencial

Legível

Visitantes → Barca D'Alva



Pouca oferta turística

Inseguro

Desorganizado
Desertificado

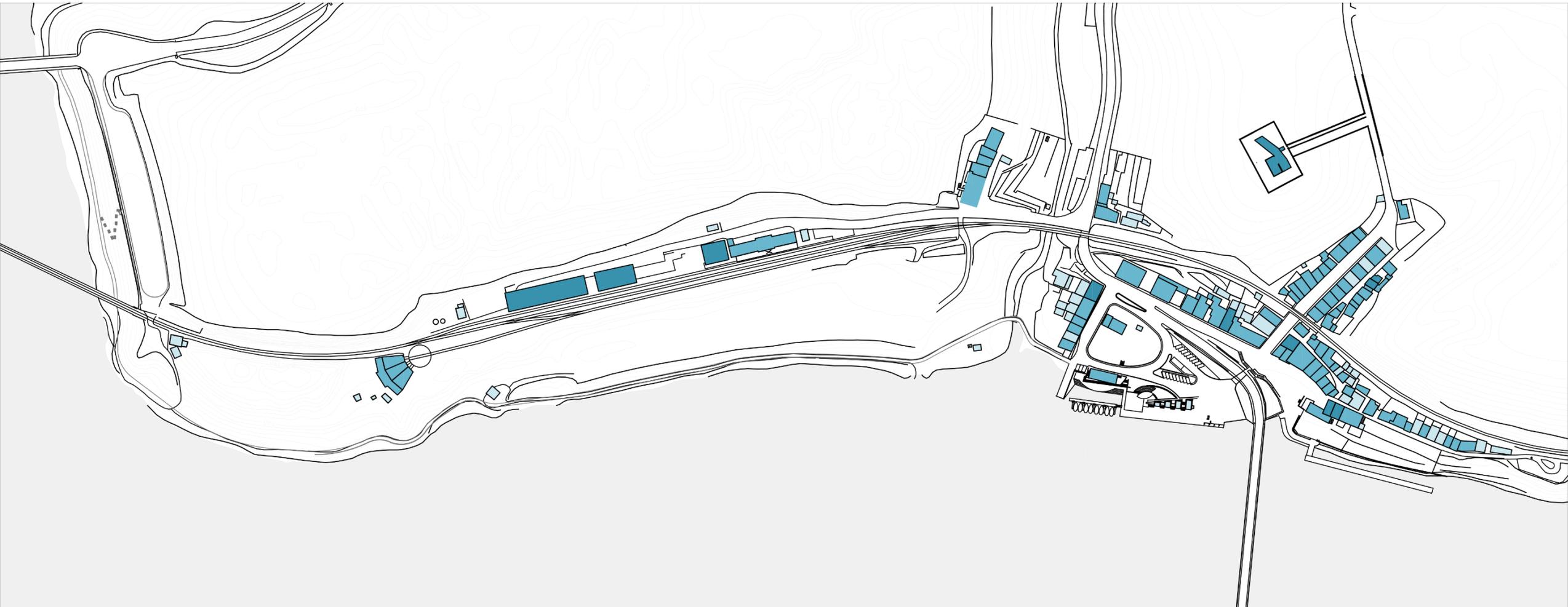
Falta de espaços públicos qualificados

Paisagem natural deslumbrante

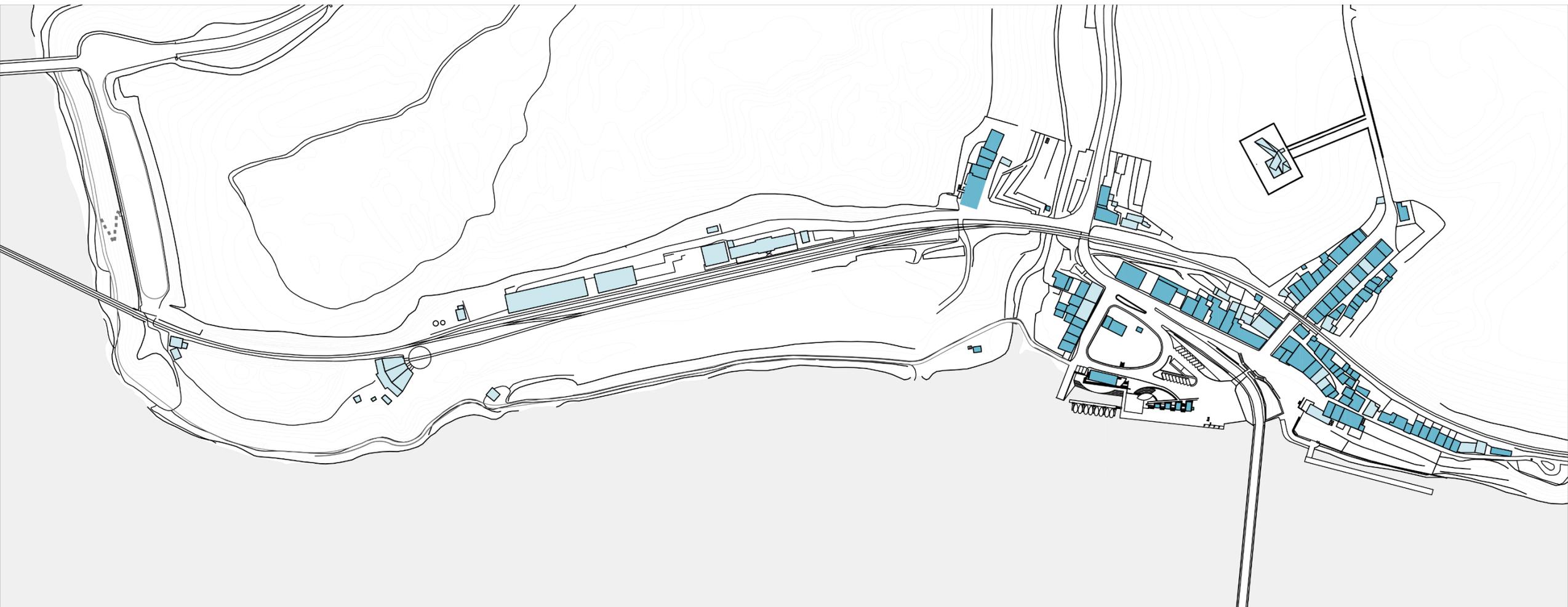
Bons meios de acesso

Habitantes ↔ Visitantes



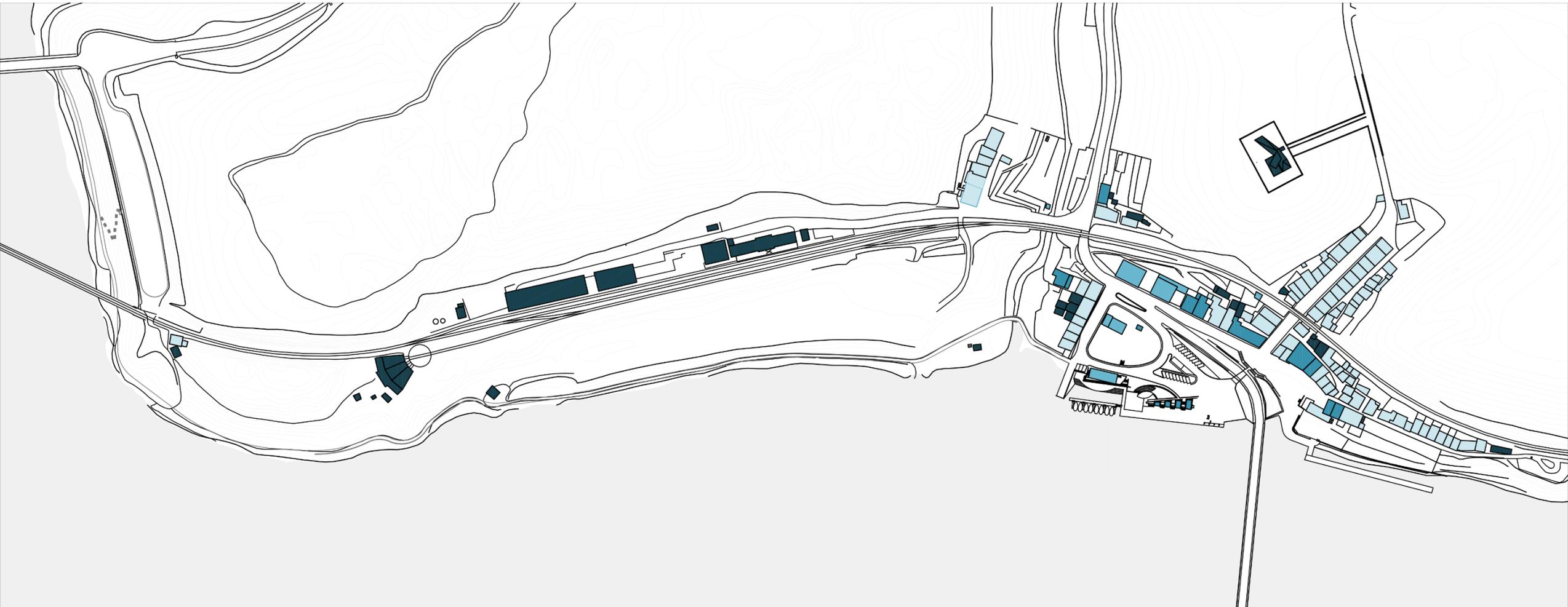


Planta de nº de pisos



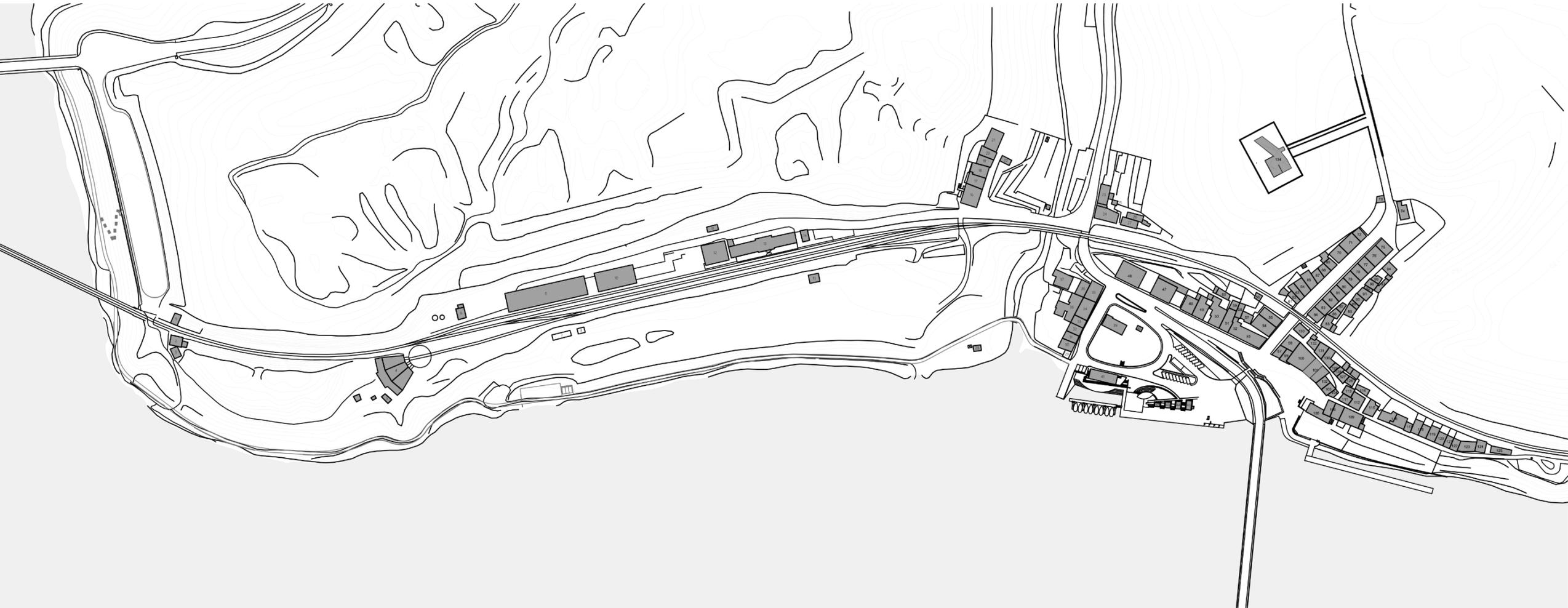
■ Não devoluto ■ Devoluto

Planta de estado de conservação



Outros Comércio Serviços Habitação

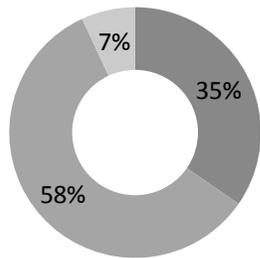
Planta de funções



134 edifícios (tabela em anexo)

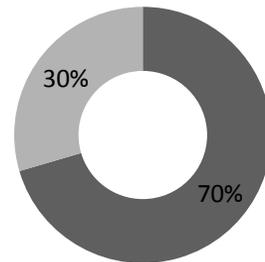
Nº de pisos

■ 1 ■ 2 ■ 3



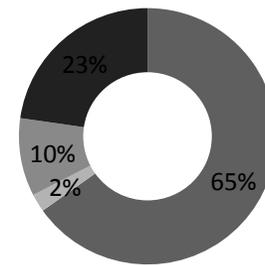
Estado de conservação

■ bom ■ devoluto



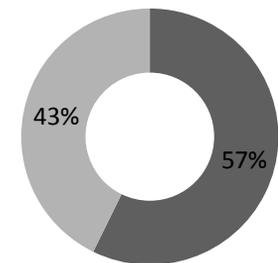
Função

■ Habitação ■ Serviços ■ Comércio ■ Outros

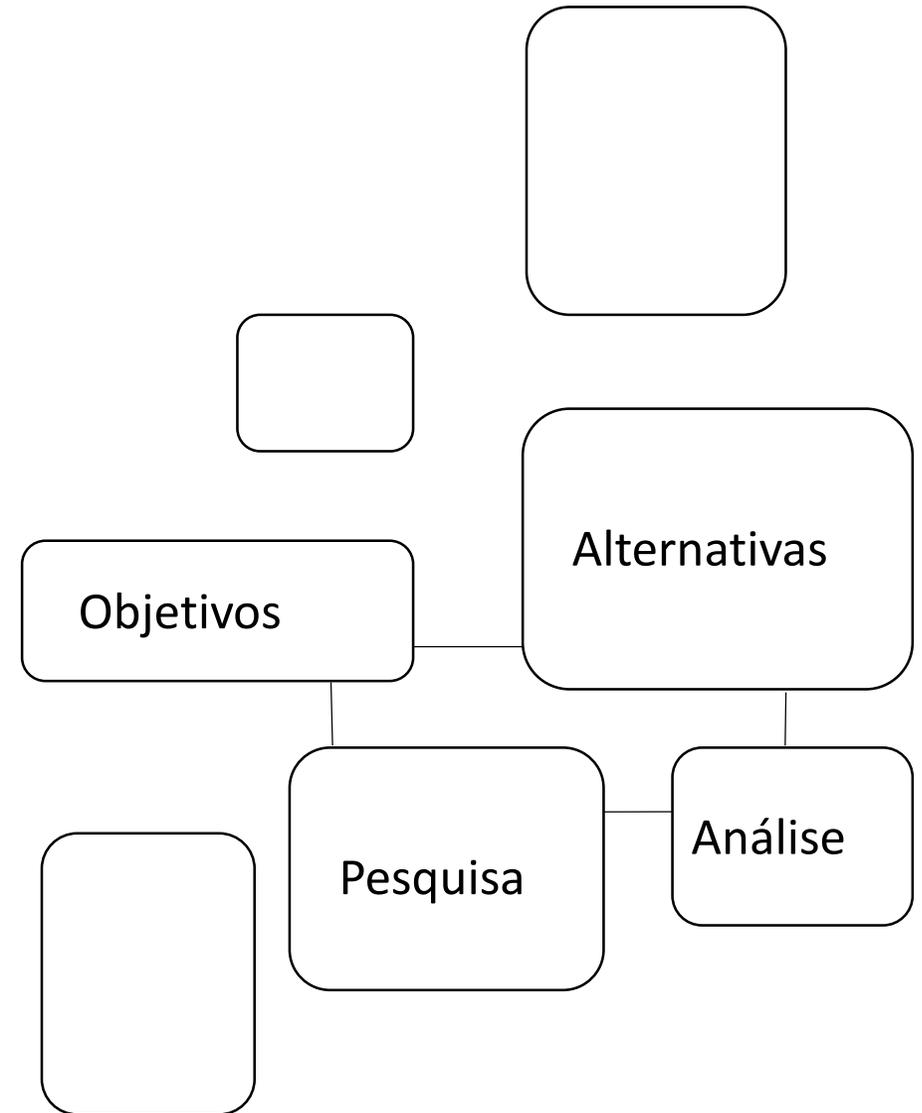


Uso

■ com ■ sem



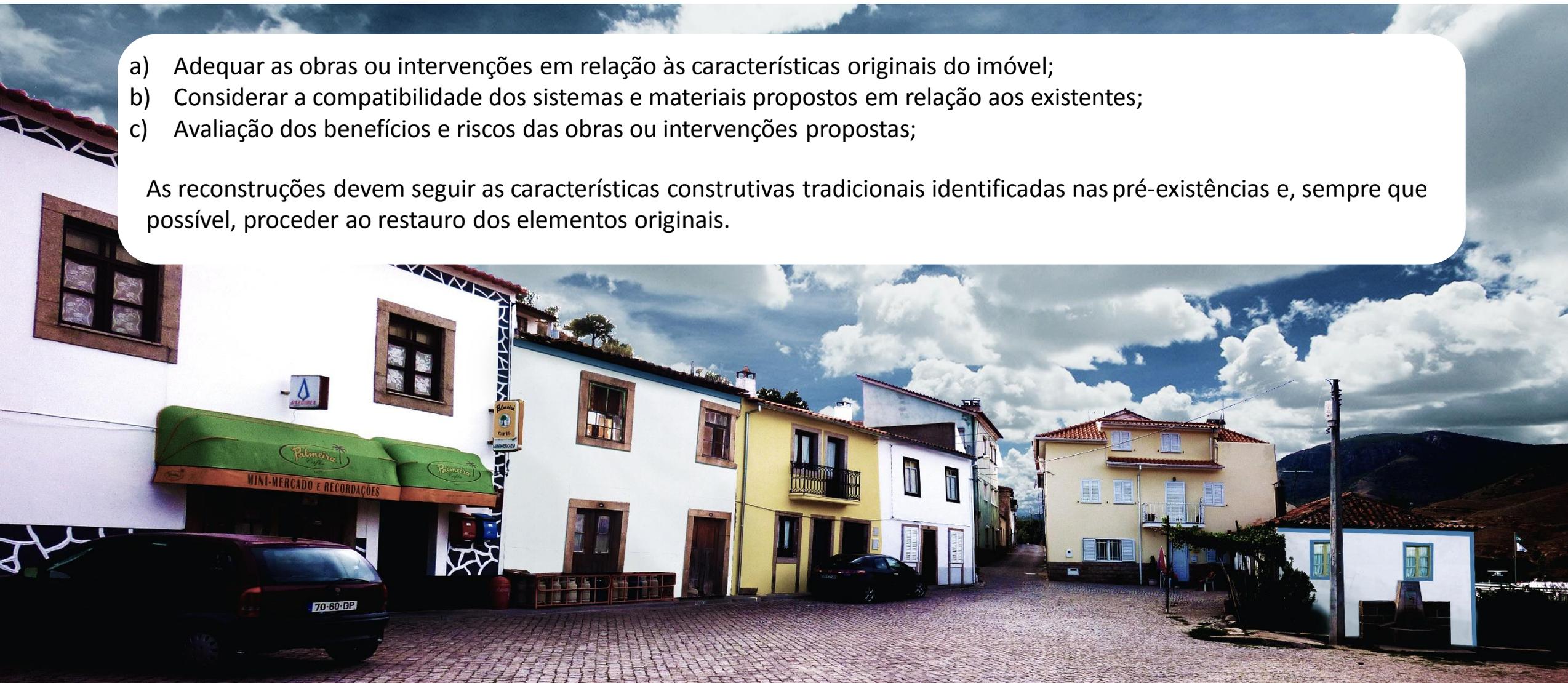
Metodologia



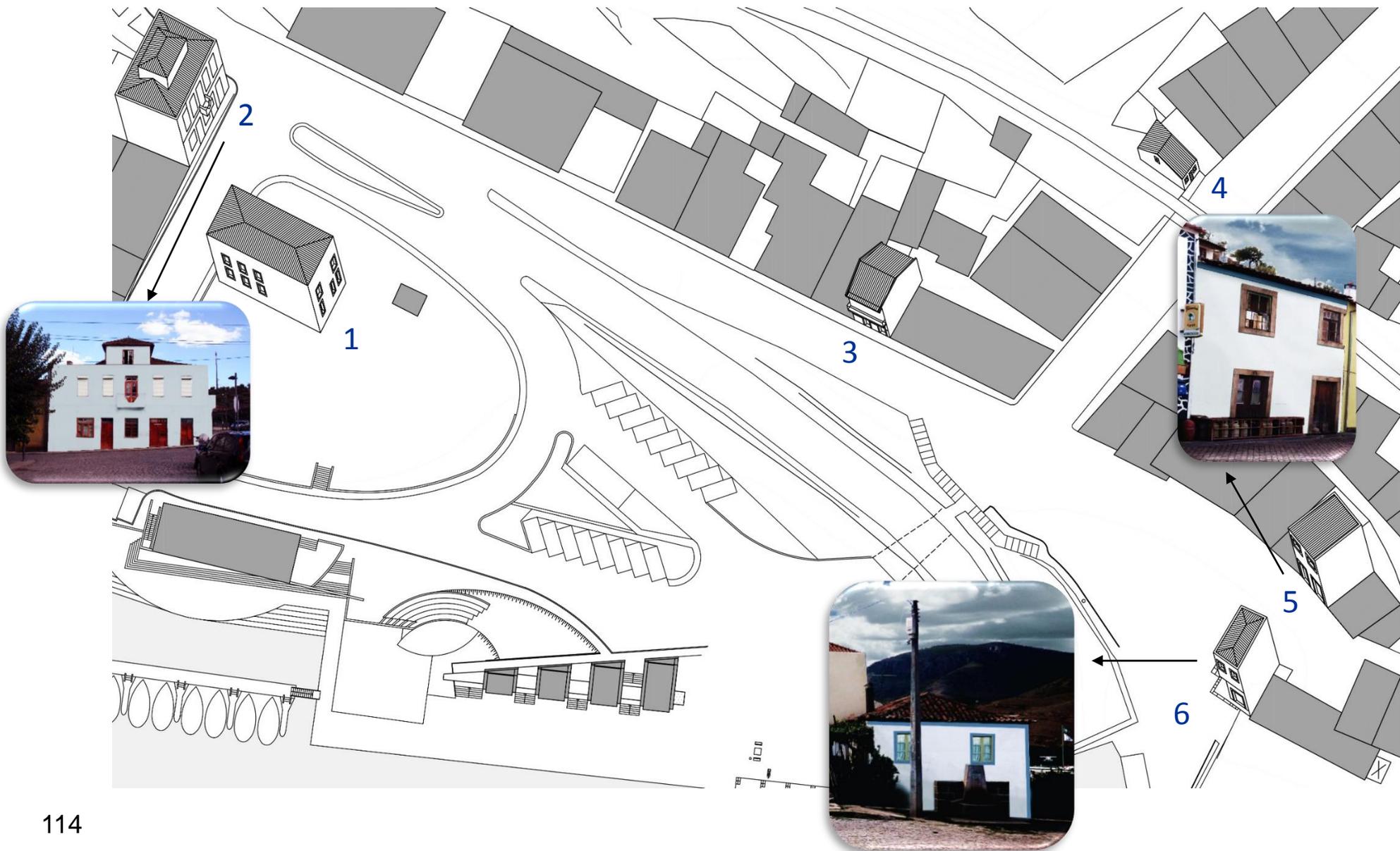
Parâmetros básicos

- a) Adequar as obras ou intervenções em relação às características originais do imóvel;
- b) Considerar a compatibilidade dos sistemas e materiais propostos em relação aos existentes;
- c) Avaliação dos benefícios e riscos das obras ou intervenções propostas;

As reconstruções devem seguir as características construtivas tradicionais identificadas nas pré-existências e, sempre que possível, proceder ao restauro dos elementos originais.



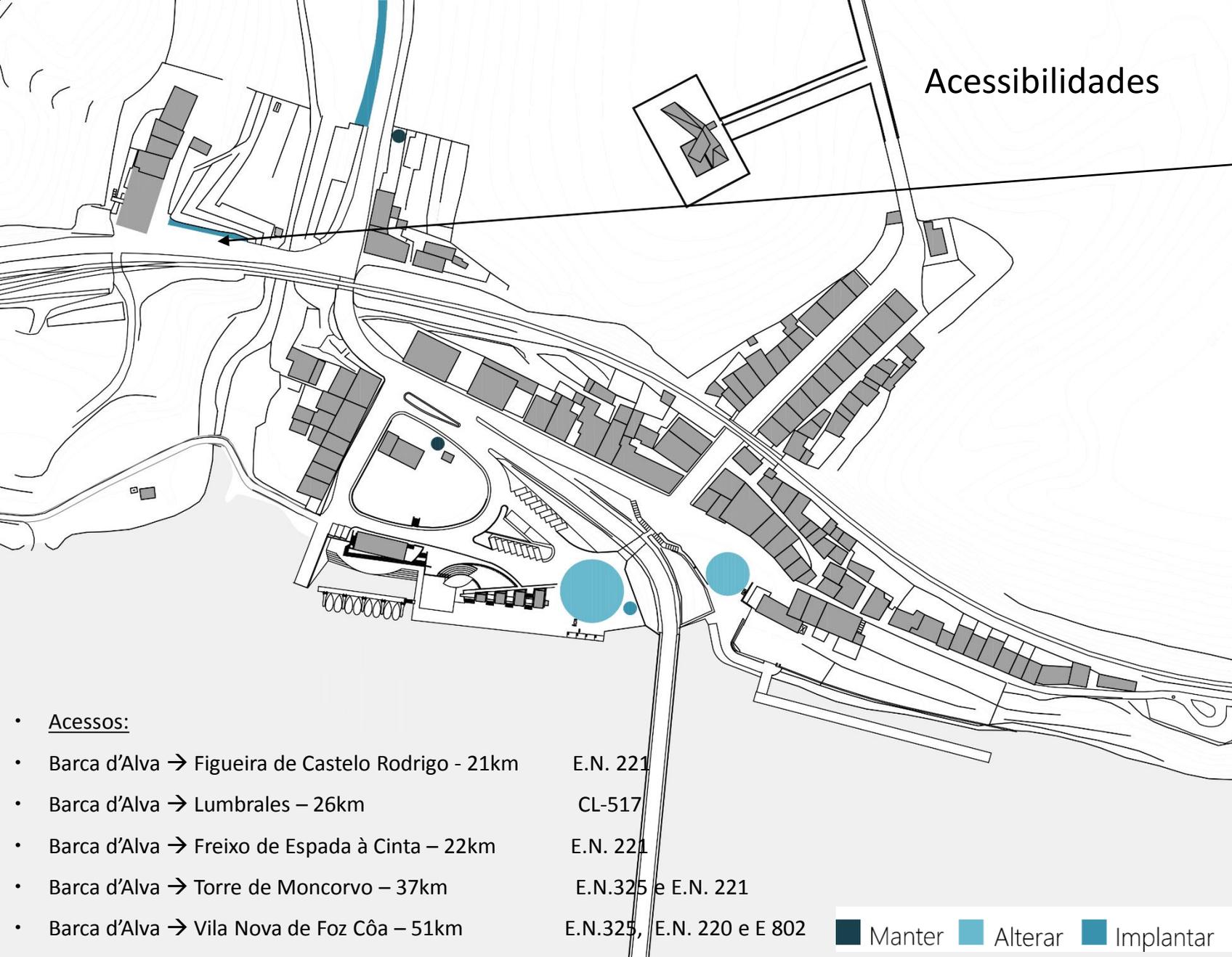
Edifícios propostos para recuperação



Proposta de Funções:

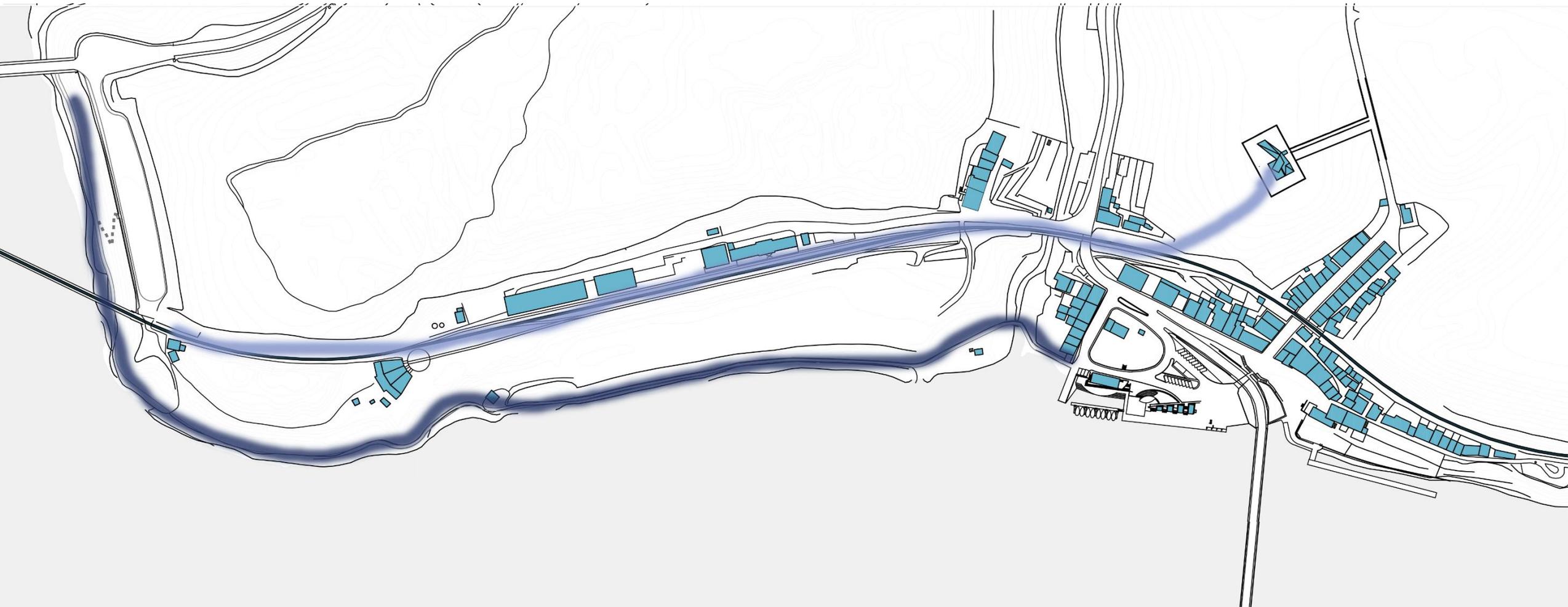
- 1- Serviços
- 2- Serviços
- 3- Habitação
- 4- Habitação
- 5- Habitação
- 6- Habitação

Acessibilidades



- Acessos:
- Barca d'Alva → Figueira de Castelo Rodrigo - 21km E.N. 221
- Barca d'Alva → Lumbrales – 26km CL-517
- Barca d'Alva → Freixo de Espada à Cinta – 22km E.N. 221
- Barca d'Alva → Torre de Moncorvo – 37km E.N.325 e E.N. 221
- Barca d'Alva → Vila Nova de Foz Côa – 51km E.N.325, E.N. 220 e E 802

■ Manter ■ Alterar ■ Implantar



■ Percurso do Douro

■ Percurso da Linha Férrea

Percursos pedonais

Percurso do Douro



O que propomos

Contacto
com a
natureza

Lazer

Atividades
Desportivas

Infraestruturas
de apoio ao
utilizador

Percurso do Douro

Fortalecer a ligação com o rio



Promoção de atividades ao ar livre

Manutenção dos espaços verdes



Como propomos

Percurso da Linha Férrea



O que propomos

Lazer

Interesse
Turístico

Reabilitação
a longo prazo
dos edifícios
da estação

Promoção
de Produtos
Locais

Realização de
Eventos Culturais

Percurso da Linha Férrea



Limpar



Preservar

Valorizar

Organizar



1ª Edição . *Summer School* . Barca D'Alva

PARarquitectura

Certificado

Certifica-se que

Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo

Frequentou a escola de verão *PARarquitectura* realizada em Figueira de Castelo Rodrigo – lugar de Barca D'Alva de 7 ao 14 de setembro de 2014.

PARa

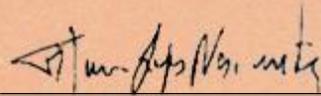
PENSAMENTO

ACÇÃO

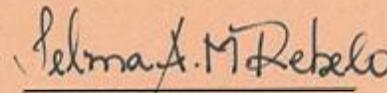
REFLEXÃO

arquitectura

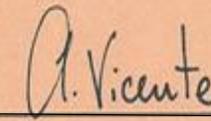
A Comissão Executiva



Filomena Nascimento



Telma Rebelo



Andrea Vicente

TArq. Urb

Arquitectura . Urbanismo . Cultura

